



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC II
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
LETRAS – HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA**

WANESSA DENYELLE SOUSA GOMES

**POR UMA SALA DE AULA QUE PROMOVA CIDADANIA:
Afrodescendência e práticas educacionais no ensino médio**

Campina Grande – PB
Novembro/2012

WANESSA DENYELLE SOUSA GOMES

**POR UMA SALA DE AULA QUE PROMOVA CIDADANIA:
Afrodescendência e práticas educacionais no ensino médio**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito para a finalização do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sob a orientação da professora Magliana Rodrigues da Silva.

Campina Grande
Novembro/2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
CENTRAL – UEPB

G633p

Gomes, Wanessa Denyelle Sousa.

Por uma sala de aula que promova cidadania
[manuscrito]: afrodescendência e práticas
educacionais no ensino médio / Wanessa Denyelle
Sousa Gomes. – 2012.

58f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação
em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma. Magliana Rodrigues
da Silva, Departamento de Letras”.

1. Ensino Médio 2. Ensino de Língua
Portuguesa 3. Cidadania 4. Afrodescendência
I. Título.

21. ed. CDD 373

WANESSA DENYELLE SOUSA GOMES

**POR UMA SALA DE AULA QUE PROMOVA CIDADANIA:
Afrodescendência e práticas educacionais no ensino médio**

Aprovado em: 30 de novembro de 2012.

Magliana Rodrigues da Silva Nota: 10,0
Prof^a Ms. Magliana Rodrigues da Silva – UEPB
(Orientadora)

Roberta Soares Paiva Nota: 10,0
Prof^a Ms. Roberta Soares Paiva
(1^a Examinadora)

Andreia Bezerra de Lima Nota: 10,0
Prof^a Ms. Andreia Bezerra de Lima
(2^o Examinadora)

Média: 10,0

AGRADECIMENTOS

Uma história não se constrói somente de sonhos ou realizações, mas também de pessoas que se envolvem ao ponto de sonhar junto conosco. Na minha vida acadêmica contei com o apoio de algumas dessas pessoas que viveram comigo os ônus e o bônus que quatro anos de curso pode oferecer.

Sendo assim agradeço a minha família pela força, paciência, e o incentivo dado a cada dia, em todas as manhãs em que saí muito cedo de casa, e pelo carinho, atenção e amor com que fui recebida ao chegar muito tarde todas as noites, e minha gratidão é dedicada à três pessoas essenciais: minha mãe Gorette, minha irmã Clarissa e meu tio Manuel, sem eles eu não conseguiria chegar tão longe. Além do âmbito familiar, ao meu lado estiveram amigos que se tornaram irmãos, e sem a perspicácia de José de Sousa, as habilidades de Ana Paula e Maiara, e o companheirismo de Francielle o caminho teria sido enfadonho e árduo, a amizade que uniu esse grupo é digna de ser eternizada.

Todo estudante necessita de um mentor, pois sem direções não se chega ao objetivo desejado, e nessa hora pude contar com a experiência e a persistência da professora Magliana Rodrigues que desde o primeiro ano de curso contribuiu em minha formação, culminando agora, na orientação do trabalho de conclusão de curso, não poderia esquecer o incentivo e a confiança dados pela professora Wilma Luna, que a todo o momento acreditou no trabalho desenvolvido na Escola Assis Chateaubriand.

E como toda boa história conta com participações especiais, nessa não foi diferente, Joelmir aos poucos passou a viver e sofrer junto comigo o sonho de uma educação baseada na diversidade e no diálogo intercultural. Por vezes surgiu em momentos decisivos dessa jornada, abrindo caminhos, mostrando soluções, me dando força e amparo na produção desse trabalho, esse esforço também é dedicado a ele.

O caminho não foi fácil, concluir essa etapa da vida não foi simples, mas sem essas pessoas que foram citadas não seria possível está escrevendo os agradecimentos o último trabalho enquanto graduanda do curso de letras, sou grata a Deus por colocar cada um desses em meu caminho. E que a luta por uma educação democrática, diversa e intercultural inicie aqui, e que a cidadania ultrapasse os muros das escolas.

A Gorette, Clarissa, Manoel, Joelmir, Francielle, aos professores e alunos do projeto: Literatura e Afrodescendência, dedico este trabalho.

De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.

Fernando Sabino

RESUMO

Historicamente, a população negra foi marginalizada, e conseqüentemente discriminada. Na luta contra essa situação, é necessário que se debata essas questões, para que haja uma mudança de consciência social e respeito à diversidade em relação aos afrodescendentes, pois, assim, haverá uma diminuição de preconceitos e estereótipos mantidos em torno da figura do afro-brasileiro. Diante disso, neste trabalho respondemos a seguinte problemática: a educação enquanto processo de desenvolvimento humano pode promover um ensino democrático das diferenças através das aulas de português? Por compreender que o ambiente escolar é propício para essa discussão, pois os alunos encontram-se na fase de formação de opinião e de identidade, desenvolvemos o projeto “Literatura e afrodescendência: o que há por trás disso?”, em forma de curso na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, localizada em Campina Grande, com a participação de alunos do ensino médio. O projeto é uma iniciativa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), implantado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). As atividades analisadas neste trabalho foram resultados da aplicação de sequências didáticas sobre os gêneros textuais artigo de opinião e entrevista, e também o jornal escolar produzido pela turma. Nosso principal objetivo foi promover uma abordagem intercultural do processo de ensino e da aprendizagem de língua portuguesa sob a luz da temática afrodescendente, além de incentivar o processo de relações étnico-raciais e construir uma proposta educativa baseada no respeito à diversidade cultural. E como objetivo específico, procuramos estabelecer uma abordagem curricular baseada na transversalidade por meio dos gêneros textuais utilizados no projeto. A pertinência desse trabalho residiu na reorganização do ensino de língua portuguesa, valorizando a interação da linguagem falada, lida ou escrita, em busca de uma educação que promova o ensino direcionado às diferenças étnico-raciais do nosso país. Como ancore teórico, recorreremos aos estudos de Antunes (2003), Buzen e Mendonça (2006); Amâncio, Gomes e Santos Jorge (2008) e Soares (2005); Munanga (2009) e Faria e Zanchetta (2002). E, com o respaldo dos documentos oficiais, unimos teorias e práticas educacionais pertinentes para o acesso a uma educação relevante na vida social do educando.

Palavras-chave: Ensino. Afrodescendência. Cidadania.

ABSTRACT

Historically, the Black population was marginalized and consequently, discriminated. In order to combat this situation it is necessary to discuss these issues, so there is a change in social awareness and respect for diversity in relation to African descendant, because, then, there will be a reduction of prejudices and stereotypes held around the figure of African Brazilian. In front of this problem, in this paper we will answer to the follow issue: Can the education, while a process of human development, promote a democratic teaching of the differences through Portuguese classes? As the school environment is favorable to this discussion, because the students are in the opinion formation's phase, we carried out the project "Literatura e afrodescendência: o que há por trás disso?", structured as a course in the Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, located in Campina Grande, with participation of high school students. This project is an initiative of the 'Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência' (PIBID), introduced in Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Our main objective in this work is to promote an intercultural approach of teaching-learning process in Portuguese language in the light of the African descendant thematic, besides motivate the process of ethnic-racial relations and build an educative proposal based on the respect to cultural diversity. And as specific objective, we try to establish a curricular approach based on the transversality through the textual genre used in the project. The relevance of this work was in the reorganization of the teaching of Portuguese language, valorizing the interaction of spoken, read or written language, searching an educating that could promote education targeted at ethnic-racial differences in our country. As theoretical support, we used the studies of Antunes (2003), Buzen and Mendonça (2006); Amâncio, Gomes and Santos Jorge (2008), Soares (2005); Munanga (2009) and Faria and Zanchetta (2002). And with the support of the official documents, we will join educational theories and practices relevant to access to relevant education on the social life of the learner.

Key-words: Teaching. Afro-descendant. Citizenship.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Versão final artigo de opinião 01	37
Quadro 2 - Versão final artigo de opinião 02	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Entrevista.....	43
----------------------------	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Frente do jornal Afrocultura	51
Figura 2 – Verso do jornal Afrocultura	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 GÊNEROS TEXTUAIS E PRÁTICAS DE ENSINO EM PROL DE UMA EDUCAÇÃO INTERATIVA	15
1.1 Os gêneros textuais na sala de aula	15
1.1.1 Artigo de opinião: motivador da escrita e da argumentação na sala de aula	17
1.1.2 Entrevista: incentivando a oralidade e a escrita.....	19
1.2 Jornal: suporte e proposta pedagógica.....	21
2 ENSINO DEMOCRÁTICO DAS DIFERENÇAS: EM BUSCA DE UMA SALA DE AULA MAIS AFRO-BRASILEIRA	25
3 ANÁLISE DOS DADOS	28
3.1 Artigo de opinião	30
3.2 Entrevista.....	41
3.3 Jornal	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
ANEXOS	59
APÊNDICES	77

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as discussões em torno das minorias étnico-raciais foram impulsionadas em diversas áreas do saber humano. Em razão de a sociedade ter seguido sempre as regras e preceitos ditados por indivíduos brancos, mais especificamente homens ricos e brancos, as outras parcelas sociais ficaram submissas à ideologia dominante. Para lutar contra essa situação de sujeição, as minorias começaram a reivindicar por direitos iguais. Assim, questões referentes à população negra, historicamente marginalizada, precisam ser debatidas para que haja uma mudança de consciência social e de respeito à diversidade em relação aos afrodescendentes, pois, assim, haverá uma diminuição de preconceitos e estereótipos mantidos em torno da figura do afro-brasileiro.

Dessa forma, o ambiente escolar se mostra bastante propício para a discussão dessas questões, uma vez que seus integrantes encontram-se na fase de formação de opinião e de identidade. Pensando nessas questões, foram elaboradas as leis federais nº 10.639/2003 e a nº 11.645/2008, que alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional para incluir, obrigatoriamente, no currículo oficial da Rede Pública de Ensino, a temática “História e Cultura afro-brasileira e indígena”. Dentro dessa perspectiva, Irlandé Antunes afirma que “o ensino da língua portuguesa também não pode afastar-se desses propósitos cívicos de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participativas e atuantes, política e socialmente” (ANTUNES, 2003, p. 15). O presente trabalho visa responder a seguinte questão: a educação, enquanto processo de desenvolvimento humano, pode promover um ensino democrático das diferenças através das aulas de português?

Com base nesta questão, nosso trabalho tem como principal objetivo promover uma abordagem intercultural do processo de ensino e da aprendizagem de língua portuguesa sob a luz da temática afrodescendente, além de incentivar o processo de relações étnico-raciais e construir uma proposta educativa baseada no respeito à diversidade cultural. Como objetivo específico, procuraremos estabelecer uma abordagem curricular baseada na transversalidade por meio dos gêneros textuais utilizados no projeto “Literatura e afrodescendência: o que há por trás disso?”, que foi desenvolvido em forma de curso na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, localizada em Campina Grande, com a participação de alunos do ensino médio. As atividades foram iniciadas em agosto e finalizadas em novembro de 2011. O projeto é uma iniciativa do

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), implantado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Acreditando que os gêneros textuais assumem um papel comunicativo nas situações sociais em que são enunciados, buscando promover o diálogo, selecionamos gêneros textuais que permitem amplas discussões sobre a temática do afro-brasileiro; que abarcam as reflexões feitas sobre o tema; e que permitem que os alunos se coloquem como protagonistas tanto no processo de recepção quanto no de produção do texto, a fim de promover uma prática escolar situada, como sugere Bunzen e Mendonça (2006). Portanto, optamos por trabalhar com os gêneros textuais artigo de opinião e entrevista, tendo em vista a atividade final do curso, que era de construir e lançar um jornal escolar, visto que, enquanto suporte, abarcaria os textos produzidos durante o curso.

A pertinência desse trabalho reside na reorganização do ensino de língua portuguesa, valorizando a interação da linguagem falada, lida ou escrita, em busca de uma educação que promova a integração da diversidade, que direcione o desempenho escolar ao respeito à igualdade de direitos e saberes, bem como considere o ensino direcionado às diferenças étnico-raciais do nosso país.

Como ancore teórico, recorreremos os estudos voltados à dimensão interacional da linguagem de Antunes (2003), as práticas de ensino de português para o ensino médio propostas por Buzen e Mendonça (2006); a pedagogia do ensino de literatura afro-brasileira a partir dos estudos feitos por Amâncio, Gomes e Santos Jorge (2008) e Soares (2005); e, voltado para as questões de negritude, utilizamos Munanga (2009), Faria e Zanchetta (2002).

Este trabalho é de natureza qualitativa e focaliza a prática da pesquisa-ação em aulas expositivas e dialogadas de língua portuguesa que abarca a temática da afrodescendência no Brasil, baseada em três sequências didáticas que foram aplicadas durante o período compreendido entre agosto e novembro de 2011: a primeira sequência foi sobre artigo de opinião, a segunda sobre entrevista e a terceira sobre o jornal, suporte dos dois gêneros textuais trabalhados nas sequências anteriores. O processo de pesquisa-ação aconteceu em três etapas: primeiramente, decorreu-se à revisão bibliográfica científica, com o intuito de conduzir as aulas de português para a formação de sujeitos críticos, protagonistas do seu discurso e conscientes do seu papel social, ou seja, repensar a aula de português com o objetivo de formar cidadãos, bem como valer-se de um arcabouço teórico que incite a

* Apesar de o nome do projeto ser “Literatura e Afrodescendência: o que há por trás disso?”, nós também aplicamos sequências didáticas referentes à língua. Nosso objetivo era dar enfoque ao trabalho com a língua portuguesa englobando as áreas de língua e literatura, para inserir a temática do negro brasileiro, de forma que os alunos tivessem o maior contato possível com o tema principal do projeto: a afrodescendência.

ampliação de uma educação inclusiva que garanta a diversidade cultural e respeite as diferenças étnico-raciais. Num segundo momento, colocamos em prática as sequências didáticas que impulsionavam os debates sobre a temática de modo que esses diálogos se construíssem a partir dos atos de fala, leitura e escrita. Por fim, analisamos os dados recolhidos ao longo do processo educacional.

O eixo estruturante deste trabalho são as práticas de ensino voltadas para língua portuguesa, partindo da perspectiva pedagógica apresentada na Lei de Diretrizes e Bases, que recomendam o “planejamento e desenvolvimento orgânico do currículo, superando a organização por disciplinas estanques e integração e articulação dos conhecimentos em processo permanente de interdisciplinaridade e contextualização” (OCM, 2006, p. 9), com o objetivo de promover um ensino voltado às várias habilidades que o educando necessita desenvolver durante o ensino médio, como a oralidade, a escrita e a leitura, tendo como ponto de partida relatos de experiências e sequências didáticas trabalhadas durante o segundo semestre do projeto “Literatura e afrodescendência: o que há por trás disso?”. Com o respaldo dos documentos oficiais, uniremos teorias e práticas educacionais pertinentes para acesso a uma educação relevante na vida social do educando.

1 GÊNEROS TEXTUAIS E PRÁTICAS DE ENSINO EM PROL DE UMA EDUCAÇÃO INTERATIVA

1.1 Os gêneros textuais na sala de aula

Tendo em vista que a escola deve favorecer um “contato mais positivo do aluno com a língua que ele estuda, a fim de que saiba falar, ouvir, escrever e ler mais adequada e completamente” (ANTUNES, 2003, p. 13), optamos por, trabalhar com os gêneros textuais, os quais permitem o desenvolvimento de várias habilidades dos discentes, como a argumentação, a oralidade, a escrita e a leitura. Assim, ao tornarem-se autores de gêneros textuais, os alunos percebem como estão cercados pelos textos e como eles são importantes para a vida social.

Unindo diversos sistemas comunicativos e diversos tipos de saberes, é preciso expandir as práticas de linguagem para além das letras (PARAÍBA, 2006) e englobamos as várias mídias de que dispomos no mundo contemporâneo no intuito de tornar as aulas mais dinâmicas e atualizadas, adequando-as à nova realidade que circunda os estudantes. Neste caso, as ações de ensino focalizam o texto oral ou escrito, produzidos pelo próprio educando ou originado em qualquer segmento da sociedade. A contribuição para o desenvolvimento do saber linguístico é o que determinará a escolha do texto. No âmbito da oralidade, o indivíduo poderá refletir, opinar, argumentar ou contestar algum fato ou opinião. E isso terá consequências na escrita, pois o aluno saberá organizar suas ideias de maneira mais clara e, por conseguinte, se expressará melhor em sua produção textual.

A discussão sobre gêneros textuais invadiu o âmbito escolar e acadêmico rapidamente nos últimos anos. Nas escolas, os professores fazem, ou tentam fazer, um trabalho sustentado nos diversos gêneros textuais presentes na sociedade. Nas universidades, essas práticas pedagógicas aplicadas nas escolas, nos diversos níveis de ensino, tem se tornado objeto de discussão e reflexão, ao mesmo tempo em que são criadas novas metodologias de aplicação dos gêneros textuais ao ensino de língua portuguesa. Antunes (2003) é uma das autoras que propõem uma nova abordagem dos gêneros textuais na sala de aula e apresenta implicações metodológicas para a prática de ensino sob a perspectiva interacional da linguagem, que leve o aluno a compreender a relevância do que está aprendendo e possa adequar o seu discurso de acordo com os usos sociais da língua. Isso é

evidenciado quando a autora diz:

a fala, a escuta, a escrita e a leitura de que falo aqui são necessariamente de textos; se não, não é linguagem. Assim, é nas questões de produção de textos, e de suas funções sociais, que se deve centrar o estudo relevante e produtivo da língua. Ou melhor, *é o uso da língua- que apenas se dá em textos-* que deve ser o *objeto-* digo bem, *o objeto-* de estudo da língua (ANTUNES, 2003, p. 111, grifo da autora).

Logo percebemos a necessidade de trabalhar e produzir textos reais, que façam parte do cotidiano dos discentes, e das mais diversas tipologias, desde que promovam o diálogo entre os sujeitos, e não textos escolarizados, a exemplo das redações, que têm como objetivo cumprir uma atividade escolar de apontamento, observação e correção de regras, e não o desenvolvimento do papel social de comunicar. Com a mudança de foco para os gêneros textuais, podemos favorecer os eixos que estruturam o conhecimento de modo a contemplá-los de forma funcional, com objetivos definidos e de caráter interacional, possibilitando a comunicação entre o aluno e a sociedade.

Entretanto, o trabalho realizado pelos professores nas escolas, muitas vezes, não produz o resultado desejado, pois nem sempre os alunos compreendem a dimensão social e cultural que cada texto possui. Esse efeito aquém do esperado pode ser consequência de vários fatores que influenciam a dinâmica da sala de aula, alguns diretamente ligados ao conteúdo explorado, como a obscuridade sobre a abrangência dos gêneros enquanto produtos históricos e da falta de respaldo teórico que tem o profissional da educação. Mas também, consideramos os fatores que não estão ao alcance do professor superá-los, a exemplo das precárias condições de trabalho, salários inferiores que obriga o professor a triplicar sua carga de trabalho, falta de infraestrutura que a maioria das escolas apresenta, impedindo que o docente desenvolva sua atividade da melhor forma possível, a violência da qual é vítima toda a comunidade escolar, etc.

Mas, com respeito à questão específica dos gêneros textuais, a qual se refere este trabalho, afirma-se que os gêneros:

são entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. [...]. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas (MARCUSCHI, 2007, p. 19).

Nos livros didáticos de português, há uma diversidade de gêneros textuais, desde os livros direcionados ao ensino fundamental aos direcionados ao ensino médio. Todavia, a abordagem dos gêneros nestes livros muitas vezes é inadequada. Não se enfatiza a sua função

social e sua importância para a comunicação entre as pessoas numa sociedade grafocêntrica. Outro aspecto importante é o pouco tratamento dado aos gêneros orais. Alguns professores consideram que os gêneros textuais são apenas aqueles que podemos “tocar”. Entretanto, existem os textos orais, que também merecem destaque no ambiente escolar porque fazem parte do nosso cotidiano. Sobre isso comenta-se que:

em especial seria bom ter em mente a questão da relação oralidade e escrita no contexto dos gêneros textuais, pois, como sabemos, os gêneros distribuem-se pelas duas modalidades num contínuo, desde os mais informais aos mais formais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana (MARCUSCHI, 2007, p. 33).

Ainda sobre isso, Silva, em sua tese de doutorado, menciona que “as formas da língua só são assimiladas conforme os enunciados falados ou escritos, que se distribuem pelas diversas áreas da atividade humana. A utilização da língua implica a realização de um dado gênero, mesmo que não tenhamos consciência disso” (2003, p.2).

Dessa forma, o uso dos gêneros textuais garante uma formação que focaliza o exercício da cidadania, compreendendo que, ao trabalhar com textos que fazem parte do dia-a-dia do aluno, o professor contribui para a reflexão não só da língua como também da sociedade em que este aluno está inserido e colabora para a construção da identidade social que preza pela interação com o outro.

1.1.1 Artigo de opinião: motivador da escrita e da argumentação na sala de aula

Tendo como finalidade principal desenvolver a argumentação do autor, o artigo de opinião é produzido para expor uma ideia ou tentar convencer o leitor a aderir a tal opinião. Dessa forma, o discurso neste texto é fruto da ideologia do próprio sujeito, mas também “é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipações das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito” (CUNHA, 2007, p. 179).

Quando a habilidade argumentativa escrita de um aluno é desenvolvida há também um reflexo disso em sua argumentação oral, uma vez que ele saberá organizar melhor suas ideias e opiniões. Da mesma forma, ele se tornará um leitor mais crítico, mais seletivo em relação aos assuntos que realmente lhe interessam, assim, “dominar as estratégias argumentativas não somente auxilia o produtor do discurso como também o leitor, pois

permite-lhe fazer uma leitura crítica do texto, propicia que ele acompanhe o seu desenvolvimento e se desvencilhe de eventuais simulacros discursivos” (BARROS, 2011, p. 8). Desse modo, o trabalho com o gênero artigo de opinião exercita a habilidade de leitura e de escrita, desenvolvendo habilidades necessárias para o cotidiano social desse aluno.

Por ser um “texto jornalístico interpretativo e opinativo que desenvolve uma ideia ou comenta um assunto a partir de determinada fundamentação” (FARIA e ZANCHETTA, 2002, p.63), o artigo de opinião norteia um trabalho mais dinâmico e renovado do ensino de língua portuguesa, visto que, por ser um gênero interpretativo e opinativo, exige conhecimento prévio sobre o assunto a ser dissertado, cabendo ao professor levar, para a discussão em sala de aula, textos que abordem determinada temática, desde os textuais, como os próprios artigos de opinião, bem como entrevistas, matérias jornalísticas, reportagens, notícias, até os textos literários, que também promovam debates sobre as mais diversas temáticas, pois:

a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (CANDIDO, 2006, p. 30)

Sendo assim, trabalhar contos, poemas, romances, crônicas, cordéis ou peças teatrais associados ao trabalho com o artigo de opinião se faz necessário pela intertextualidade oferecida por esses textos, bem como pela transversalidade de trazer o gênero literário para um tipo de aula que é vista tradicionalmente como de produção textual. Deste modo, o aluno percebe a língua portuguesa como uma unidade em que língua e literatura se unem em prol de uma educação que o habilite para as diversas atividades sociais, pois os textos literários, assim como os gêneros textuais, são produzidos também a partir de fatores que as influenciam e que são capazes de produzir no leitor entre outras coisas, a reflexão social, contribuindo para a fundamentação da escrita de um texto argumentativo como o artigo de opinião.

O trabalho com esse gênero textual orienta o jovem na compreensão e produção do texto, cabendo ao professor não somente a orientação da estrutura textual, mas também das técnicas necessárias para o desenvolvimento da argumentação e do senso crítico, levando o aluno a perceber essas marcas em diferentes textos, como também tornando-o capaz de utilizá-las em suas próprias produções. Acreditamos que assim o aluno estará mais apto a analisar e se posicionar criticamente diante do contexto social em que está inserido.

Mostrar ao educando que o artigo de opinião tem como objetivo persuadir, convencer e influenciar alguém, defendendo ou rejeitando uma ideia, desenvolve o sujeito para uma atuação plena de sua cidadania; e ampliar essas habilidades a partir da experiência individual de cada um é ainda mais favorável ao ensino. Cabe ao professor deixar evidente para os alunos que a argumentação está presente em sua vida, em maior ou menor escala, e que em, sala de aula, essa habilidade vai ser trabalhada e desenvolvida a partir dos mecanismos linguísticos que envolvem o ato de argumentar. Segundo Freitas (2007, p.23),

o trabalho com textos de caráter argumentativo com alunos se faz necessário, especialmente o artigo de opinião, pois são os argumentos que parametrizam as regras de comportamento dos sujeitos que compõem um grupo social, e que determinam o exercício de cidadania, nas diversas situações que requerem posicionamento.

Levar para a sala de aula um gênero textual que se fundamenta na exposição de opinião sobre determinada temática, em que é de extrema importância o encadeamento lógico da ideia defendida ao longo do texto, que tem o objetivo de convencer e a persuadir outrem a partir de um posicionamento claro, objetivo, coeso e coerente, não só dinamiza a metodologia de ensino, como também motiva o exercício da escrita e da oralidade argumentativa, fomentando uma educação que forma um sujeito dono do seu discurso e apto a exercer seu papel de cidadão nas mais diversas esferas da sociedade.

1.1.2 Entrevista: incentivando a oralidade e a escrita na sala de aula

Um dos objetivos expostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) é o de possibilitar a compreensão crítica dos vários gêneros discursivos com os quais o cidadão lida no seu cotidiano. E a entrevista é um desses gêneros, que, por ser uma atividade que está presente nos meios midiáticos mais diversos e populares, torna-se de fácil acesso, além de não ser totalmente desconhecida do universo dos educandos. Texto primordialmente oral, o principal objetivo da entrevista é informar os espectadores/ouvintes/leitores a respeito de determinado assunto ou fazê-los conhecer a opinião de uma determinada pessoa. Pode ser veiculada na televisão, rádio, internet ou em revistas e jornais, no caso das entrevistas escritas. Possui várias subdivisões: entrevista jornalística, médica, científica, de emprego, entre outras,

cujas funções são distintas, mas tem em comum o fato de se organizarem em forma de perguntas e respostas. Mas, como Marcuschi comenta:

[...] há eventos que parecem entrevistas por sua estrutura geral de pergunta e resposta, mas distinguem-se muito disso. É o caso da 'tomada de depoimento' na Justiça ou do inquérito policial. Ou então um 'exame oral' em que o professor pergunta e o aluno responde. Todos esses eventos distinguem-se em alguns pontos (em especial quanto aos objetivos e à natureza dos atos praticados) e assemelham-se em outros (MARCUSCHI *apud* HOFFNAGEL, 2007, p.181).

A entrevista promove o inter-relacionamento em maior ou menor grau, em que os participantes, alternando os turnos da fala, procuram convencer ou informar o público. Por possuir essas características, é um gênero rico para ser trabalhado em sala de aula, tanto no que diz respeito à oralidade, quanto à escrita. As diversas modalidades as quais este gênero permite abordar são capazes de dinamizar a aula de forma que os alunos estudem, produzam e compreendam os mais diversos tipos de entrevistas, além de oferecer uma ampla possibilidade de atividades, pois é possível trazer para o ambiente escolar as entrevistas individuais ou coletivas, fazer um trabalho com enquetes, além, é claro, de promover conferências. E, ao explorarmos este universo, “mantêm-se aqui aquelas concepções de língua como uma prática discursiva, inserida numa determinada prática social, envolvendo dois ou mais interlocutores, em torno de um sentido e de uma interação particular” (ANTUNES, 2003, p. 99).

Vários aspectos da entrevista podem ser explorados em sala de aula, e a linguagem é a principal delas, pois esta varia de acordo com o público a que se dirige, oferecendo a ampla possibilidade de trabalhos comparativos entre diferentes textos, focando no público, na linguagem utilizada ou nos objetivos os quais se destina a cumprir. Outro aspecto diz respeito à disposição gráfica, proporcionando uma análise tanto estrutural quanto semiótica, pois geralmente apresenta foto do entrevistado e destacam-se as respostas e perguntas de modo a identificá-las claramente na página, induzindo o leitor a uma leitura prévia do tema em questão.

Antes de ser publicada em revistas ou jornais escritos, ela é feita de forma oral e, só depois, transcrita. Na passagem da linguagem oral para a escrita, quase sempre são realizadas modificações nas falas originais, ou seja, elas são retextualizadas. São eliminadas marcas de oralidade (hesitações, falsos começos, repetições,) e marcas de interação (comentários do ouvinte, sobreposições, pausas,) tanto das respostas quanto das perguntas. Este é sem dúvida, mais um viés a ser trabalhado, pois levará o aluno a perceber tanto as especificidades da linguagem oral quanto a da escrita, dando ao professor a oportunidade de

desmistificar a ideia de que a fala é um “lugar de espontaneidade, do relaxamento, da falta de planejamento e até de descuido em relação às normas da língua padrão” (ANTUNES, 2003, p.99); e mostrar que tanto o texto falado quanto o escrito pode ser mais ou menos formal, mais ou menos planejado, uma vez que o nível de formalidade de um texto depende do contexto ao qual um dos dois está sendo inserido.

Diante de tudo isso, a entrevista revela-se ser um ótimo gênero a ser trabalhado em sala de aula, trazendo para um lugar de evidência questões referentes à oralidade e à escrita. De acordo com Hoffnagel, a exploração da entrevista em sala de aula permite:

1. examinar o uso estratégico de formas de tratamento que revelam as relações entre os atores sociais (qual a forma usada? Há mudança de forma durante a entrevista? Que tom o tratamento usado da à interação?, a forma é recíproca entre os atores? Etc.);
2. descobrir as relações possíveis a serem estabelecidas através do uso de uma das trocas mais comuns na interação verbal – pergunta e resposta, como por exemplo, a importância da formulação das perguntas no exercício do poder social conferido ao entrevistador e as possibilidades e limitações na formulação de respostas;
3. investigar os significados possíveis transmitidos pelo layout gráfico na apresentação das entrevistas pelas revistas (uso de citações nos títulos, nas fotografias e em destaques; o uso ou não dos nomes dos participantes nas trocas de pergunta e resposta, o uso de fotografias do entrevistado, etc.) (HOFFNAGEL, 2007, p. 192-193).

Diante do que já foi exposto, percebemos que, ao optar por determinado gênero textual, ou selecionar o texto que será utilizado com a turma, os fatores determinantes serão os objetivos que o professor almeja alcançar com essa aula e quais estruturantes do conhecimento ele pretende explorar, pois as possibilidades de atividades apresentam-se de acordo com o gênero textual escolhido, podendo proporcionar uma aula dinâmica e voltada para a aprendizagem do domínio ativo, crítico e contextualizado das variedades que a língua portuguesa oferece.

1.2 Jornal: suporte e proposta pedagógica

Suporte e não gênero textual, o jornal é um veículo de comunicação que informa as pessoas sobre acontecimentos locais, nacionais e/ou mundiais, e contém vários gêneros, os chamados gêneros jornalísticos, como notícias, reportagens, editoriais, entrevistas, artigos de opinião, propagandas, anúncios publicitários, etc. Podendo também carregar outros gêneros dependendo do tipo. Por isso, o jornal também é denominado, por alguns estudiosos, de hiper-

gênero, como no caso de Bonini (2008).

Pode ter seções fixas e variáveis, existem seções que aparecem em todas as edições e outras que são publicadas esporadicamente. Elas podem ser divididas em seções maiores e menores, e assim por diante. Logo, de acordo com Bonini (2008, p. 51), “o jornal, para além do conjunto de folhas de papel, apresenta uma abertura (a primeira página) e um conjunto de seções organizadas de modo mais ou menos característico. Os gêneros, no jornal, resultam e ganham características específicas a partir dessa organização”. O uso desse suporte em sala de aula abre caminho para uma gama de possibilidades didáticas, que vai desde o uso do jornal como um veículo de informação diária, que incentive a discussão, a opinião e a reflexão de acordo com o conteúdo ou temática compreendido nele, à exploração dos elementos que o estruturam, através das análises de fotografias ou textos, das observações de propagandas, e dos textos que o compõem, resultando no uso do jornal como suporte para os textos dos próprios alunos. Essas propostas surgem como um fio condutor para outras tantas, pois, por comportar diversos gêneros textuais, o jornal possibilita o exercício de inúmeras atividades que podem ser amplamente exploradas pelo professor.

Ao aproximar os alunos dos gêneros presentes no jornal, eles compreenderão como esses textos agem socialmente e quais intenções estão explícitas ou implícitas nestes fenômenos da linguagem. Assim, muitos gêneros que circulam no jornal são úteis ao ensino de linguagem. Aliás, este fato, conforme Bonini (2008), é um dos principais fatores a serem considerados no momento de se pensar quais gêneros jornalísticos devem ser abordados em sala de aula, pois, pelo jornal comportar diversos gêneros, cabe ao educador selecionar aqueles que serão mais eficazes na construção e no desenvolvimento do aprendizado da turma. Segundo a autora, são norteadores dessa escolha as seguintes colocações:

- 1) Alguns desses gêneros já estão inseridos no trabalho escolar e nos livros didáticos; 2) que certos gêneros do jornal são mais relevantes em termos das práticas sociais correntes na sociedade; 3) que alguns gêneros propiciam exercícios mais relevantes no sentido do desenvolvimento de habilidades de linguagem importantes; e 4) que alguns desses gêneros caracterizam melhor o jornal e o discurso jornalístico (BONINI, 2008, p. 58).

O jornal é um meio de comunicação popular que proporciona ao leitor o contato com diversos temas, problemas, opiniões, situações, comentários, que estão de acordo com a tipologia apresentada, fornecendo um amplo material para o ensino da língua portuguesa baseado na proposta pedagógica dos gêneros textuais. Além de estudar os gêneros que estão presentes neste suporte, os alunos perceberão a relevância de tais textos para sua vida, uma

vez que aprendem que cada um tem um objetivo a ser cumprido e uma necessidade específica, e que o texto é uma forma de comunicação e interação entre o sujeito e a sociedade. Quando o jornal é utilizado como um suporte para o que é produzido em sala, o educando vive essa experiência comunicativa de forma plena.

Porém, as atividades feitas com o suporte jornal são diferenciadas quando o objetivo do professor é fazer um jornal escolar, termo utilizado por Faria e Zanchetta (2002). Produzir um jornal dessa natureza é antes de tudo romper com atividades pedagógicas desgastadas e promover um trabalho interdisciplinar, que tem como um dos objetivos promover a comunicação dentro do ambiente escolar. Desse modo, ao elaborar um jornal em determinada classe, deve-se vislumbrar a divulgação e distribuição desse material para o restante da escola como uma forma de apresentar e promover o trabalho desenvolvido entre alunos e professores.

A organização de um jornal em ambiente escolar, mesmo que direcionada a uma determinada turma, é uma tarefa coletiva, que, ao envolver alunos e professor em favor da comunicação entre os jovens e a comunidade, e por ser um suporte que compreende os mais diversos gêneros textuais, abre espaço para as mais variadas habilidades estudantis. Dessa forma:

O jornal escolar se apoia não só no conhecimento da imprensa escrita, como em uma atitude crítica a seu respeito, a ser desenvolvida durante os trabalhos de elaboração do jornal escolar. Por outro lado, considerando-se que os jornais, pela sua própria natureza, abordam um amplo leque de assuntos e, para isso, também apresentam-se uma grande diversidade de textos, ele é um dos instrumentos ideais da interdisciplinaridade (FARIA; ZANCHETTA, 2002, p.41).

Para a preparação do jornal escolar, é necessário o cumprimento de algumas etapas, como proposto por Faria e Zanchetta (2002). Definir o “espírito do jornal” é uma delas, ou seja, decidir se os assuntos abordados dirão respeito somente aos assuntos escolares ou também aos referentes à comunidade, bem como os temas que serão discutidos e os tipos de notícias apresentadas. Dar um tom ao jornal é o primeiro passo para a definição da identidade desse meio de comunicação. Em seguida, as decisões relacionadas ao conteúdo: qual público se deseja atingir, se haverá variedade de temas ou não, as seções e a publicidade.

Tomadas essas decisões, alunos e professor devem partir para as etapas de produção, que consistem na divisão da equipe que fará parte da redação, os participantes e a determinação das responsabilidades de cada envolvido. Se os participantes da produção do jornal forem todos da mesma turma, é conveniente dividi-los por seções, pois assim cada

aluno será responsável por uma parte da redação do jornal. É importante também delimitar o papel do professor nessas etapas, o que Faria e Zanchetta (2002) chamam de “assessoramento”, cabendo a ele o controle das responsabilidades de cada aluno, bem como orientar e dar o suporte necessário durante o processo de produção.

A etapa seguinte compreende a seleção do nome do jornal e das seções, assim como a escolha da disposição hierárquica da diagramação. Acreditamos que essa etapa deve ser feita em equipe, e que, através de discussões e argumentações, se produza um jornal com a identidade da turma.

O jornal deve ser apreciado como um espaço de expressão dos assuntos que interessam aos alunos, permitindo que eles exponham suas próprias palavras, tornando públicas suas opiniões e inquietações para que percebam que a formação adquirida na escola os tornam autores do seu próprio discurso, pois o jornal:

Propicia a libertação da palavra dos alunos, a descoberta da própria identidade, valorizando sua autonomia. Capacita-o a intervir na realidade, ao aprender a ler criticamente o jornal, pois, para produzi-lo, é preciso aprender a diferença entre *opinião* e *notícia*; cria o hábito da pesquisa e da comparação de diferentes fontes para apresentá-las no texto, reforçando assim o espírito crítico (FARIA; ZANCHETTA, 2002, p. 142).

Sendo assim, o trabalho de produção de um jornal, dentro de um contexto escolar, deve promover a interação com a linguagem, fazendo com que o aluno compreenda a importância dos atos comunicativos; incentivar a leitura do texto jornalístico; proporcionar um trabalho coletivo; emitir a identidade dos alunos nessa atividade; fomentar o desejo de ser “lido”; e desenvolver as habilidades necessárias para a formação de um sujeito letrado, através da interdisciplinaridade proporcionada pela atividade do jornal escolar, formando não só alunos, mas cidadãos.

2. ENSINO DEMOCRÁTICO DAS DIFERENÇAS: EM BUSCA DA UMA SALA DE AULA MAIS AFRO-BRASILEIRA

Nos últimos anos, discussões reforçaram a necessidade de se estudar as questões que cercam o afro-brasileiro. Uma dessas propostas está no Conselho Nacional de Educação CNE 03/2004 e resolução CNE 01/2004, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Ao contemplarem o ensino da diversidade cultural, essas diretrizes contribuem para uma educação que se apoia no princípio da consciência social e respeita as diferenças étnico-raciais do nosso país, amparando-se no princípio da igualdade de direitos, permitindo, assim, o exercício de uma educação inclusiva que respeite o outro em suas especificidades e incentivando o debate sobre as questões raciais dentro do contexto nacional.

Quando surge a lei federal nº 10.639/2003 e a nº 11.645/2008, que alteram a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, incluindo, obrigatoriamente, no currículo oficial da Rede Pública de Ensino, a temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”, percebemos o quão importante é refletir sobre a questão racial que envolve a população brasileira, que por sua vez, conhece a sua origem apenas pela ótica que privilegia a elite branca, justificando, assim, a urgência de uma educação afirmativa, pois:

a partir do momento em que o universo escolar passar a tratar cientificamente da história do Continente Africano, de seus países e respectivamente matrizes étnico-culturais; do sequestro e da venda clandestina de negros africanos para o trabalho escravo no Brasil; dos processos ideológicos de construção das categorias de raça e cor que sustentam a prática do racismo, bem como dos complexos psicológicos que permeiam o imaginário sociocultural brasileiro, a educação nacional será de fato, um palco no qual se encenam novas performances de igualdade de direitos, liberdade e interação de saberes e respeito às diferenças (AMÂNCIO; GOMES; SANTOS JORGE, 2008, p. 35).

Dessa forma, os alunos saberão que dos povos marginalizados surge uma cultura que busca reconhecimento. Para alcançarmos essa igualdade, os educadores precisam tomar consciência de que esse tipo de mudança na grade curricular em prol de uma revisão histórica dos povos africanos e afro-brasileiros resulta numa reorganização social. Tendo como base uma educação que promove um aprendizado à luz dessa temática, teremos não só alunos, mas cidadãos, que, ao revisarem sua história, podem reconstruir e reafirmar seus valores. E essa necessidade justifica-se porque “a concepção do fazer educacional brasileiro tem seus valores construídos e referendados na cultura europeia cristão-judaico-ocidental, capitalista, branca e

cientificista; excluindo por demais os valores e representações de matrizes africanas” (CUNHA; COSTA, 2010, p. 4).

Esse novo momento pelo qual passa a educação brasileira permite almejar um ensino mais justo. Reorganizando o currículo de maneira a respeitar a identidade do aluno, promovemos uma reconstrução dos valores sociais. E o cumprimento da proposta de transversalidade e interdisciplinaridade, prevista nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), que visa uma formação igualitária das relações sociais e étnico-raciais e que, em busca da identidade dos nossos alunos, conhece, respeita e valoriza a diferença, pois:

o estudante é então encarado como possuidor de uma identidade singular que o apresenta como um ser biológico, cultural e social, inserido numa coletividade específica e, ao mesmo tempo possuidor de uma identidade coletiva que exige e deve permitir o reconhecimento de características comuns a esse grupo denominado juventude. (Ministério da educação, 2006).

Sendo assim, a educação, ao colocar em evidência essa temática, contribui para o debate acerca de como repensar a importância do povo negro para a formação da cultura brasileira e, assim, tentar eliminar os estereótipos existentes em torno deles. Essa imagem negativa do negro como “sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica” (MUNANGA, 2009, p. 24) precisa ser desconstruída, e a escola é o lugar mais adequado e eficaz para que isso ocorra, pois, propondo em sala de aula a igualdade que ultrapassa a ideia de tolerância e fundamenta-se no respeito ao cidadão diante de suas especificidades culturais, ela contribui favoravelmente para que o pensamento humano evolua.

Historicamente, foi disseminada no Brasil a ideia de homogeneidade cultural, que deu origem a um falso mito de igualdade entre as raças, quando, na verdade, o que ocorreu ao longo dos anos foi a supervalorização de uma cultura inspirada em uma ideologia construída por homens, brancos e cristãos, em detrimento da contribuição dada pela outra parcela da população que participou efetivamente do que hoje conhecemos como o povo brasileiro. Esse tipo de interpretação gera diariamente preconceitos e discriminação. Apresentar o Brasil como um país sem diferenças é negar a participação das três raças- índio, negro, e branco-, na formação social, econômica e cultural nacional, e propondo uma discussão acerca da pluralidade cultural reorganizamos os valores sociais, incentivamos o respeito à diferença, recuperamos a autoestima do nosso alunado e cooperamos para uma educação que desperte o aluno para a exercer a sua cidadania, desse modo, como aponta os PCN sobre a pluralidade cultural (Brasil, 1998, p. 137),

o tema Pluralidade Cultural oferece aos alunos oportunidades de conhecimento de suas origens como brasileiros e como participantes de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua autoestima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que lhe poderiam ser prejudiciais. Por meio do convívio escolar, possibilita conhecimentos e vivências que cooperam para que se apure sua percepção de injustiças e manifestações de preconceito e discriminação que recaiam sobre si mesmo, ou que venha a testemunhar — e para que desenvolva atitudes de repúdio a essas práticas.

Desse modo, a sala de aula se transforma em um ambiente que forma agentes multiplicadores da justiça social, sensíveis à causa da discriminação, do racismo e do preconceito, que conhecem a sua origem cultural e são capazes de divulgá-la e defendê-la, e a escola deixa de ser um lugar de segregação racial e passa a ser um ambiente de inclusão, em que o aluno se reconhece e se aceita, e também conhece e respeita o outro.

E esta é uma das tarefas do professor, ser um educador multicultural, que não perpetue os preconceitos no ambiente escolar e que não reproduza a ideologia dominante. Ao contrário, o educador consciente é aquele que faz com que o aluno veja além do valorizado socialmente para que haja um abalo na estrutura ideológica dominante e, assim, ocorra a valorização de outras culturas.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Nossa análise será referente à atividade final de cada módulo trabalhado no projeto “Literatura e afrodescendência: o que há por trás disso?”, que foi desenvolvido em forma de curso na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, localizada em Campina Grande, com a participação de 17 alunos do ensino médio. O curso teve duração de um ano, e aplicamos durante esse período sequências didáticas sobre propaganda, poema, conto, artigo de opinião, teatro, entrevista e jornal, que, enquanto suporte, serviu para expor à comunidade escolar o que foi produzido pelos alunos durante esse ano de atividade.

Esse trabalho será um recorte das atividades de produção textual referentes ao segundo semestre, em que foram ministradas aulas sobre artigo de opinião, entrevista e jornal, com atividades iniciadas em agosto e finalizadas em novembro de 2011. As aulas ocorreram sempre às terças e quintas, das 14h às 16h. O projeto é iniciativa do Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência (PIBID), implantado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Da sequência didática sobre artigo de opinião, selecionamos um artigo para publicar no blog e outro para compor o jornal escolar. Na atividade final da sequência didática sobre entrevista, os alunos elaboraram as perguntas, entrevistaram e editaram o texto, que também fez parte do jornal. Analisaremos essas atividades de produção textual, bem como o jornal escolar que foi a atividade final da turma e que serviu de suporte para os textos produzidos.

Os materiais e recursos utilizados em sala de aula foram xerocópias dos módulos que preparamos como acompanhamento teórico, DVD, TV, quadro-negro, data show, os quais tiveram o objetivo de complementar as aulas e oferecer maior dinamicidade aos conteúdos expostos, bem como fornecer subsídios para melhor explanação das temáticas.

Para os procedimentos metodológicos referentes à sequência didática sobre artigo de opinião, utilizamos um filme, dinâmicas motivacionais, gêneros textuais e um poema com o intuito de reforçar a discussão sobre a temática das cotas raciais nas universidades.

O filme exibido foi “Um sonho possível” de 2009, do diretor John Lee Hancock, com o objetivo de motivar a turma para a discussão sobre educação e oportunidade. Em outras aulas, lemos artigos de opinião que apresentavam discursos a favor e contra o sistema de cotas nas universidades federais do Brasil, além de trabalharmos uma reportagem que abordava o

surgimento do sistema de cotas em nosso país e os pontos positivos e negativos dessa ação afirmativa. Também fizemos a leitura de um poema sobre cotas raciais e discutimos a visão do eu lírico sobre essa temática. Optamos por trabalhar com vários gêneros na intenção de desmistificar a ideia de que a aula de português é engessada em determinado assunto: o fato de estarmos focados na escrita de um artigo de opinião não nos limitou a trabalhar exclusivamente com esse gênero. Como o eixo da aula era a temática das cotas raciais, os alunos tiveram contato com textos que complementaram essa discussão, como no caso da entrevista e do poema.

Outra atividade feita com a turma ao longo desse módulo foram as dinâmicas. A primeira delas teve o objetivo de levar a turma a refletir sobre preconceito, exclusão, rejeição, situações que ocorrem todos os dias nos mais distintos segmentos sociais e que por vezes passam despercebidos. Outra dinâmica realizada levava o aluno a exercitar a criatividade, pois ele teria que continuar uma história coerente e coesa que foi iniciada por outro aluno.

Depois de várias discussões, atividades e leituras, os alunos passaram a escrever seus artigos, com correções e reescritas sucessivas, até que alcançassem uma evolução na atividade de escrita de um texto opinativo.

A próxima sequência aplicada foi sobre entrevista, e trouxemos para a sala de aula o filme “Besouro”, do diretor Ailton Carmo, e lançado em 2009, cuja exibição teve objetivos diferentes: proporcionar discussões sobre capoeira, cultura afro-brasileira e protagonismo negro no cinema. Finalizada essa etapa referente ao filme, lemos algumas entrevistas com a turma, todas elas com características específicas: de opinião, personalidade ou informativa. Essas entrevistas serviram para que os alunos percebessem as diferenças entre elas e os objetivos de cada uma.

Trabalhamos também com atividades de transcrição, em que os discentes, ao assistirem uma entrevista com o lutador Anderson Silva, que foi exibida no programa Eliana, do canal SBT, tiveram que adaptá-la para a linguagem escrita. Por fim, também utilizamos dinâmicas nessas aulas: em uma delas, os jovens tiveram que fazer entrevistas entre si com o objetivo de desenvolverem a capacidade de elaborar perguntas; em outra, tiveram que escrever um perfil do entrevistado a partir de algumas respostas adquiridas na primeira etapa da atividade. Nessa dinâmica, o objetivo principal foi induzir os alunos à elaboração de um texto coerente que apresentasse as características e informações, no nosso caso, de um entrevistado.

Por último, a turma elaborou perguntas para um estudante do curso de Arte e Mídia da Universidade Federal de Campina Grande. A entrevista foi feita oralmente e, em

seguida, transcrita e editada para compor o jornal escolar, encerrando as atividades desse módulo.

A última sequência didática do curso foi sobre o jornal enquanto suporte. Nessas atividades, os alunos tiveram contato com o jornal impresso, logo reconhecido por eles como suporte para os mais diversos gêneros textuais. Apresentamos à turma as seções que compõem um jornal e as características de cada uma delas. Os alunos também receberam orientações de como produzir um jornal escolar. Tendo contato com teorias sobre diagramação e a importância da utilização da língua portuguesa na comunicação, além de assumirem o papel de autores e produtores de um jornal. As atividades foram encerradas com o lançamento do jornal produzido pela turma e distribuído para toda a escola.

3.1 Artigo de opinião

Neste capítulo, descreveremos as aulas da sequência didática sobre artigo de opinião e analisaremos as versões finais dos artigos produzidos por dois alunos-autores, atentando para o domínio dos mecanismos linguísticos argumentativos na escrita.

A sequência didática foi aplicada no período compreendido entre o final do primeiro semestre do ano de 2011 e início do segundo semestre do mesmo ano. Nesta análise, enfocaremos os tipos de argumentos utilizados pelos alunos e a articulação coesiva presente através dos operadores argumentativos.

No módulo referente a este assunto, optamos por trabalhar a temática das cotas raciais nas universidades federais do Brasil, uma vez que, em aulas anteriores, alguns alunos demonstraram grande interesse por este assunto, enquanto outros desconheciam a existência desse modelo de ação afirmativa, implantado desde 2000 em nosso país. Por se tratar de uma temática que exige uma postura opinativa de quem a debate, decidimos trabalhá-la a partir do gênero textual artigo de opinião.

Durante a aplicação da sequência didática, a turma demonstrou baixo nível de leitura e escrita, o que nos obrigou a trabalhar minuciosamente as etapas que levam à produção textual, como leitura, discussão da temática, escrita e reescrita. Para promover um avanço nesse sentido, a quantidade de aula foi adequada de acordo com as necessidades que a turma apresentava. Por isso, a descrição detalhada da aplicação da sequência didática se faz importante para a compreensão e ratificação dos resultados obtidos nos textos analisados.

Iniciamos a sequência com a exibição do filme “*Um sonho possível*”, como forma de incentivar o debate sobre educação e oportunidade, bem como observar a importância da família no desenvolvimento da educação de um indivíduo. O filme é baseado na história real de Michael Oher, jovem negro de 17 anos, que viveu em um bairro pobre e teve a chance de mudar de vida quando conheceu Ligh Anne. Depois de ser adotado por ela, entra para a faculdade e passa a jogar em um time da liga nacional de futebol americano.

Exibido o filme, pedimos para que os alunos refletissem sobre a relação familiar entre os personagens, o surgimento das oportunidades para o personagem principal e a importância que a educação teve na sua mudança de vida. Esses pontos foram retomados e discutidos na aula seguinte. Esta atividade envolvendo o filme serviu de estímulo para a discussão sobre educação e para que, em seguida, introduzíssemos a temática sutilmente a partir da leitura e análise do artigo de opinião “Educação em crise?”, do escritor e professor Valdo Barcelo. Nesta aula, indagamos os alunos sobre o texto lido, se eles conheciam o gênero textual que estavam lendo, se sabiam o objetivo desse gênero e se poderiam reconhecer sua estrutura. A maioria dos alunos não sabia que o texto se tratava de um artigo de opinião, nem sabia falar sobre a organização estrutural desse gênero, porém disseram que esse gênero textual poderia estar presente em jornais e revistas.

Tendo como base as respostas dos discentes, percebemos que, mesmo sem reconhecer os elementos que configuram o gênero, como argumentação, estrutura composicional e nomenclatura, eles são capazes de identificar os suportes e meios de circulação, o que comprova um relativo contato com o gênero.

A partir dessa atividade, apresentamos para a turma a teoria e a estrutura de um artigo de opinião, utilizando como exemplo o próprio artigo lido anteriormente. E, sempre que a teoria era apresentada, pedíamos para que a turma a identificasse no próprio texto. Essa metodologia facilitou a compreensão dos jovens com relação à composição estrutural de um artigo de opinião.

Na mesma aula, iniciamos o trabalho com a temática sobre as cotas raciais nas universidades com o objetivo de, na sequência, apresentar um texto em que o autor se posicionasse sobre o sistema de inclusão, fazendo com que os alunos identificassem o posicionamento do autor, para, assim, enriquecer o conhecimento da turma sobre o assunto e ampliar os futuros debates. O texto entregue foi uma reportagem intitulada “Sistema de cotas para negros amplia debate sobre racismo”, composta de cinco partes. A reportagem foi dividida e entregue a cinco grupos formados por três alunos cada. Eles receberam um trecho específico e ficaram responsáveis por apresentar os argumentos utilizados pelo autor sobre

sistema de cotas raciais e também destacar as informações de que eles já tinham conhecimento e as identificadas como novas.

Iniciamos a aula seguinte com a leitura do poema “Cotas raciais”, de Jozé Donato, analisando e discutindo a visão do eu-lírico sobre o sistema de cotas, além de apresentar um viés literário acerca da temática em discussão. Nesse momento, surgiu a oportunidade de reafirmar o que dissemos em aulas anteriores: que a literatura, aborda os mais variados temas, e por isso, não deveria ser excluída de uma aula de língua que tem como foco principal a produção textual. O texto literário, além de conduzir o leitor à reflexão contribui para o ensino/aprendizagem da língua portuguesa e para a formação do leitor e cidadão.

Posteriormente, pedimos para que os discentes, individualmente, elaborassem um comentário posicionando-se contra ou a favor do sistema de cotas raciais nas universidades federais brasileiras, justificando sua opinião com argumentos coerentes e sólidos. Ao término da escrita, pedimos para que cada aluno lesse seu comentário e expusesse para a turma as maiores dificuldades encontradas. As principais e unânimes foram: “não saber o que dizer” e “não conseguir passar para o papel o que estava na cabeça de forma organizada e clara”. Através dessas atividades, percebemos que os alunos tinham dificuldade em argumentar de forma segura e possuíam uma escrita pouco desenvolvida, com muitos erros gramaticais, mas, principalmente, com muitas ideias confusas, ilógicas e desconexas, precisando exercitar mais sua habilidade de leitura e escrita para melhorar esses aspectos.

Assim, percebemos a necessidade de explorar de forma mais ampla a temática, bem como reforçar os elementos estruturais que compõem o artigo de opinião, o que contribui para uma melhor organização do texto. Como o artigo de opinião serve de suporte para a atividade da linguagem, como todo gênero textual que possibilita o ato comunicativo, “é preciso contemplar três dimensões: os conteúdos e os conhecimentos que ele traduz (tema); os elementos estruturais do texto (composição) e a posição enunciativa do enunciador (estilo)” (FREITAS, 2007, p.49). Quando Antunes (2006) propõe que se observem como parâmetros de avaliação do texto do aluno os elementos linguísticos, os elementos de textualização e os do estatuto pragmático ou situacional em que ocorre o texto, esses princípios observados em Freitas acabam por se mesclarem com os de Antunes, servindo como base para a elaboração do nosso método de análise.

Outro resultado importante deste trabalho foi fazer com que os alunos percebessem suas limitações com relação à escrita e compreendessem a necessidade de se dedicarem ao ato de escrever. Nessa atividade, revelamos que os artigos feitos durante a aula seriam selecionados para o blog da turma e para o jornal escolar produzido ao final do curso.

O próximo ponto da aula foi discutir questões relacionadas ao sistema de cotas a partir de depoimentos, declarações, críticas e posicionamentos de professores, alunos e de políticos que opinaram sobre o assunto. Escrevemos as frases no quadro e pedimos para que a turma se posicionasse contra ou a favor das afirmações.

Nesta dinâmica, sempre nos colocamos contra as opiniões dos alunos, com a intenção de que o confronto gerasse uma certeza do que defendiam e apresentassem com maior clareza possível suas opiniões. O resultado foi o amadurecimento de algumas ideias, resultando num posicionamento firme acerca da temática. Esse tipo de atividade, que prima pela oralidade, incentiva e ajuda os alunos a darem maior importância à fala, pois precisam se fazer entender através dela, se expressando de forma clara, coerente, objetiva e firme para defender em público seu ponto de vista, sem a pressão de atividades, como seminários e júri simulado, mas com a seriedade de um debate.

Em seguida, iniciamos a atividade a partir de dois artigos de opinião que apresentavam argumentos sobre o sistema de cotas, mas que eram contrários um ao outro. Solicitamos que, individualmente, os alunos lessem os dois artigos e destacassem os argumentos utilizados pelos autores para que, depois, apresentassem para a turma aqueles que chamaram mais sua atenção, justificando sua escolha. Essa explanação gerou um debate sobre as opiniões apresentadas em cada texto.

Encerradas as discussões, pedimos para que os alunos observassem os comentários escritos na aula anterior, atentando para a coesão e coerência, para a presença de clichês e para a ortografia. Com essa atividade, incentivamos a autocrítica e estimulamos a turma a realizarem uma reescrita. Pelo comentário ter sido um texto curto, não houve resistência da turma em executar a tarefa proposta. E a atividade serviu como preparação para a escrita do artigo de opinião.

Por vezes, utilizamos dinâmicas em nossas aulas por compreender que funcionavam como facilitadoras para as discussões, servindo como elemento introdutório para a temática proposta e deixando os alunos mais abertos para as discussões.

Começamos a aula seguinte buscando despertar ações e reações ligadas ao preconceito e à exclusão. Para alcançarmos esse objetivo, fizemos uma dinâmica que consiste em colar etiquetas na testa dos alunos com frases como “aperte minha mão; abrace-me; isole-me; ignore-me; me faça um elogio; me faça um carinho; desconfie; ria de mim”. Pedimos para que eles circulassem pela sala em silêncio e reagissem de acordo com o que estivesse escrito na testa do colega. Depois da interação, perguntamos o que cada um sentiu diante da reação do colega. Ainda sem saberem o que tinha escrito em suas etiquetas, perguntamos que

sentimentos tiveram durante a atividade: sentiu-se bem? Pressionado? Deslocado? Confortável? Como os outros participantes reagiram com você? Como se sentiu em relação a eles?. Surgiram explicações como: “pena de quem foi colocado no canto e não falou com ninguém”; “satisfação por ter sido muito elogiado”; “raiva, porque ninguém me ouvia”; “vergonha”; “alegria por receber abraços”.

Diante das mais diferentes repostas, pedimos para que cada um lesse o que estava escrito em sua etiqueta e comentasse se era isso que esperava que estivesse escrito, se a atitude que tiveram com ele foi justa, e se, agora que sabia o que estava escrito, seu sentimento em relação a como lhe trataram mudou. Com isso, todos perceberam o quão ruim é sofrer algum tipo de preconceito e observaram como se sente alguém que sofre exclusão social. Encerramos a dinâmica procurando saber da turma o que extraíram dessa experiência e levando-os a estabelecerem uma ligação entre o dia a dia e situações reais de discriminação. A finalidade dessa terceira etapa da aula foi fazer com que os alunos ligassem o que viveram em sala de aula a outras situações, citando exemplos reais, para que percebessem as consequências de atos preconceituosos e discriminatórios.

Dando prosseguimento à aula, revisamos os argumentos apresentados pelos alunos no comentário que produziram, na aula anterior, sobre o sistema de cotas raciais nas universidades, e fizemos alguns questionamentos: se tinham certeza da opinião emitida em seu texto; se faltavam informações que convencessem o leitor do seu ponto de vista, e se a sua opinião ainda continuava a mesma. No início, tinham certeza do que iriam defender, mas uma vez aberto o leque de perspectivas acerca da temática, alguns alunos disseram que mudaram de opinião durante as discussões, outros reafirmaram seu ponto de vista, e tiveram aqueles que demonstraram indecisão, pois perceberam vantagens e desvantagens na política de cotas.

Percebendo que todos os alunos já compreendiam a estrutura de um artigo de opinião e sabiam o que expor em seus textos, revisamos a teoria sobre o gênero textual em questão, lendo o texto “Inclusão de cotas raciais e sociais”, de Matilde Ribeiro, e conduzindo os alunos à escrita de seus artigos. A proposta de produção consistia em escrever um artigo de opinião, posicionando-se a favor ou contra as cotas raciais. Os textos seriam publicados no blog da turma e no jornal produzido ao final do curso. Na aula seguinte, os alunos continuaram a escrita durante todo o tempo previsto de aula e os que iam terminando eram liberados.

Com todos os textos escritos, iniciamos a aula seguinte com a dinâmica “Continue a minha história”, com o objetivo de trabalhar com os discentes elementos de coesão e

coerência. A dinâmica consistiu em colocar todos em um círculo, no qual, sentados e de costas, cada aluno iniciou por escrito uma história a partir do tema: um pedido de noivado. Os alunos escreviam enquanto a música estava tocando. Quando a música parava, passavam imediatamente seu texto para o colega ao lado para que ele desse continuidade à história de forma coesiva e coerente.

No final, todos leram os inícios das suas histórias, falaram sobre a expectativa que criaram em relação à continuidade de suas narrativas e o que acharam dos resultados. Com essa dinâmica, o grupo pôde perceber a importância de utilizar elementos de coesão, de forma que o texto se torne compreensível para o leitor, e a importância de manter o seu sentido. Em seguida, apresentamos para a turma o conceito de coerência e coesão, demos exemplos e pedimos para que identificassem em suas histórias trechos em que havia ocorrido, ou não, a existência desses dois elementos de organização textual.

Depois, entregamos as produções textuais trocadas aos alunos com a intenção de propor uma primeira correção feita pelos seus próprios colegas. Os textos foram digitados e entregues sem o nome do autor. Pedimos para que observassem se o autor havia obedecido as regras de estruturação do artigo de opinião; se os argumentos utilizados estavam bem apresentados e defendidos, e que verificassem se o texto estava coerente e coeso. A turma se dedicou bastante a esta atividade e a cumpriu com responsabilidade. Assim, puderam corrigir um texto e verificar a importância de uma análise mais cuidadosa do que se escreve.

Propomos à turma uma primeira reescrita dos seus textos a partir da correção feita pelos colegas, e assim fizeram.

Na aula subsequente, depois que corrigimos as duas versões produzidas, sendo estas a original e a corrigida pelos próprios alunos, apontamos as inadequações gerais que encontramos nos textos, as mais corriqueiras, e apresentamos para o grupo a partir de slides, que continham exemplos de partes do texto que necessitavam ser reescritas. Terminado esse momento, entregamos os textos aos alunos e pedimos para que prestassem atenção tanto nas orientações que estavam marcadas nos textos quanto nas que foram dadas em sala, e, em seguida, fizessem a segunda reescrita do texto de acordo com as necessidades específicas de cada um.

Ao corrigirmos mais uma vez os textos, percebemos a necessidade de uma terceira reescrita a partir das observações feitas. Entregamos uma cópia para cada aluno-autor com os seguintes questionamentos: se todas as informações do texto são úteis ao leitor; se ele fugiu do assunto principal; se o texto é confuso e não consegue informar o que pretende; se as palavras soam bem ao leitor da forma como foram organizadas; se os leitores irão se

interessar por todas as partes do texto ou se há alguma passagem desnecessária. Quando eles reescreveram seu texto, consultando apenas o material, sentiram muita dificuldade, visto que muitos deles não estavam familiarizados com a produção deste gênero, nem com o processo de reescrita.

Após essa análise, pedimos para que os alunos comentassem com o restante da turma sobre o que verificaram em seus textos. A partir dessa atividade, notamos que os alunos não se preocuparam anteriormente em reler seus textos, de forma que deixaram algumas inadequações que só foram percebidas a partir das nossas orientações.

Feita a atividade de revisão, demos alguns norteamentos para incentivar o novo processo de reescrita, pois muitos alunos relutaram quanto ao fato de reescreverem os artigos, mesmo encontrando elementos que prejudicavam a compreensão do leitor. Percebemos a relutância nas aulas anteriores, por isso a necessidade de utilizar mecanismos que instigassem a realização da reescrita. Então, de forma oral, fomos fazendo os seguintes questionamentos: você irá deixar o texto como está? Por quê? Você irá acrescentar uma informação ou um exemplo? Você irá retirar uma parte desnecessária? Você irá reescrever um trecho com outras palavras? Você comentará uma ideia ou ampliará a sua relevância no texto?. Durante essa atividade, fomos incentivando o aluno a reescrever seu texto, defendendo a importância desse processo.

Nossa metodologia consistiu em levar textos que fossem esclarecedores e formadores de opinião. Assim, debatíamos os aspectos positivos e negativos desta política de inclusão para os educandos se sentirem mais seguros em seus posicionamentos.

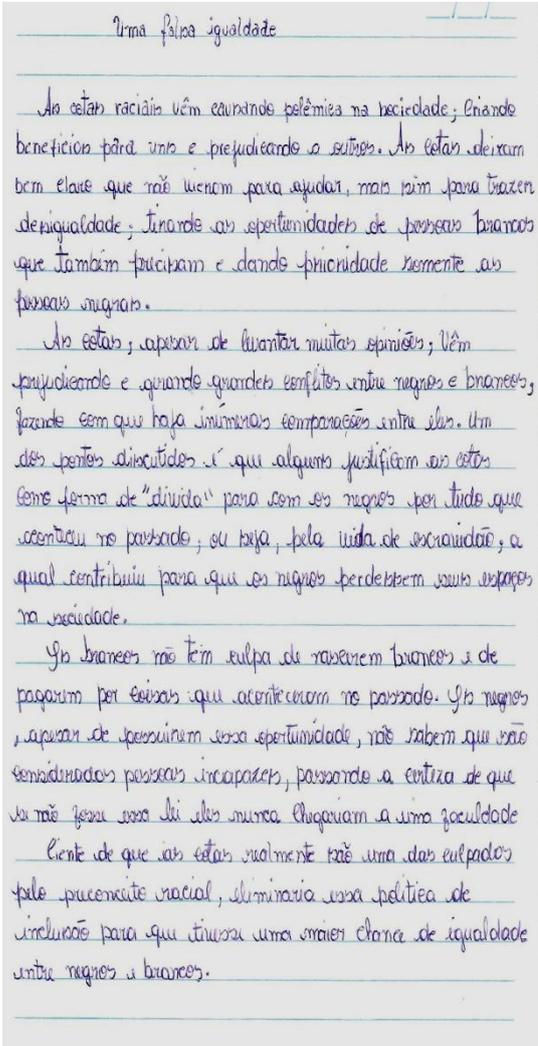
Unindo e adaptando os métodos de avaliação textual sugeridos por Freitas (2007) e Antunes (2006), traçamos um esquema para a análise das versões finais feitas por dois alunos. Tomaremos como base para nossa análise três aspectos que julgamos relevantes para a produção textual a partir dos avanços da escrita dos alunos. Inicialmente, avaliamos a adequação ao tema. Neste ponto, observamos se os alunos compreenderam a temática e se conseguiram expressar isso através dos seus textos de forma que não ocorresse a fuga ao tema.

Outra questão foi a organização coerente e coesiva do texto. Levamos em consideração principalmente a escolha do léxico e a transição de parágrafos, por serem essas umas das dificuldades que surgiram durante o processo de escrita e reescrita dos textos.

Por fim, observamos a clareza e concisão do que foi dito, o que abarca principalmente as intenções pretendidas, a relevância do gênero textual e o conhecimento prévio do aluno.

Iniciaremos a análise pelo seguinte texto:

Quadro 1 - Versão final artigo de opinião 01

	<p style="text-align: center;">Uma falsa igualdade</p> <p>As cotas raciais vêm causando polêmica na sociedade, criando benefícios para uns e prejudicando a outros. As cotas deixam bem claro que não vieram para ajudar, mas sim para trazer desigualdade, tirando as oportunidades de pessoas brancas que também precisam e dando prioridade somente às pessoas negras.</p> <p>As cotas, apesar de levantar muitas opiniões, vêm prejudicando e gerando grandes conflitos entre negros e brancos, fazendo com que haja inúmeras comparações entre eles. Um dos pontos discutidos é que alguns justificam as cotas como forma de “dívida” para com os negros por tudo que aconteceu no passado, ou seja, pela vida de escravidão, a qual contribuiu para que os negros perdessem seus espaços na sociedade.</p> <p>Os brancos não têm culpa de nascerem brancos e de pagarem por coisas que aconteceram no passado. Os negros, apesar de possuírem essa oportunidade, não sabem que são consideradas pessoas incapazes, passando a certeza de que se não fosse essa lei eles nunca chegariam a uma faculdade.</p> <p>Ciente de que as cotas realmente são uma das culpadas pelo preconceito racial, eliminaria essa política de inclusão para que tivesse uma chance de igualdade entre negros e brancos.</p> <p style="text-align: right;">D.B (1º ano B)</p>
 <p style="text-align: center;">Uma falsa igualdade</p> <p>As cotas raciais vêm causando polêmica na sociedade, criando benefícios para uns e prejudicando a outros. As cotas deixam bem claro que não vieram para ajudar, mas sim para trazer desigualdade, tirando as oportunidades de pessoas brancas que também precisam e dando prioridade somente às pessoas negras.</p> <p>As cotas, apesar de levantar muitas opiniões, vêm prejudicando e gerando grandes conflitos entre negros e brancos, fazendo com que haja inúmeras comparações entre eles. Um dos pontos discutidos é que alguns justificam as cotas como forma de “dívida” para com os negros por tudo que aconteceu no passado, ou seja, pela vida de escravidão, a qual contribuiu para que os negros perdessem seus espaços na sociedade.</p> <p>Os brancos não têm culpa de nascerem brancos e de pagarem por coisas que aconteceram no passado. Os negros, apesar de possuírem essa oportunidade, não sabem que são consideradas pessoas incapazes, passando a certeza de que se não fosse essa lei eles nunca chegariam a uma faculdade.</p> <p>Ciente de que as cotas realmente são uma das culpadas pelo preconceito racial, eliminaria essa política de inclusão para que tivesse uma chance de igualdade entre negros e brancos.</p>	

Fonte: Acervo Pessoal

Nesse primeiro texto, percebemos que não houve fuga ao tema e nem contradição ao longo do posicionamento da aluna contra as cotas raciais. Ela deixa explícita a ideia defendida em trechos como “*não vieram para ajudar, mas sim para trazer desigualdade*”. Os argumentos utilizados ao longo do texto tentam mostrar ao leitor as desvantagens do sistema de cotas. De modo geral, percebemos, através da sua escrita, que a discente compreendeu a temática trabalhada e conseguiu expressar sua opinião a partir do gênero textual proposto.

Com relação ao item coerência, a pequena inadequação encontrada está na utilização da palavra “cotas”, em trechos como “As cotas deixam bem claro” e “As cotas, apesar de levantar muitas opiniões”. Essas escolhas lexicais feitas pela aluna interferem de forma pouco significativa no sentido do texto. Ainda assim, podemos compreender, a partir das colocações da discente, que ela se refere às cotas do mesmo modo como nos referimos a uma pessoa. A falha na combinação lexical não resultou na total incoerência do texto, no entanto, a aluna poderia fazer uma reestruturação, substituindo “As cotas, apesar de levantar muitas opiniões” por “a discussão sobre a política de cotas vem causando polêmica”, por exemplo.

De um modo geral, o texto está coerente principalmente no que se refere à transição entre os parágrafos, o que foi dito em um foi complementado no próximo, demonstrando uma boa articulação entre as ideias e expressando claramente o ponto de vista da aluna. Percebemos certo “avanço” na sua escrita e atribuímos isso às diversas leituras e reescritas do texto.

Na primeira escrita, a aluna não conseguia estabelecer uma relação coerente entre os parágrafos, deixando o texto fragmentado, sem concluir satisfatoriamente suas ideias. Nessa última versão, no entanto, alcançou um sentido lógico do início ao final do texto.

Por fim, com relação ao terceiro aspecto analisado, constatamos que a aluna teve clareza ao defender seu ponto de vista e que se utilizou do conhecimento prévio para fundamentar o seu discurso, mesmo que os argumentos apresentados não fossem suficientemente contundentes ou faltasse certo aprofundamento em suas justificativas, ela deixou claro que o objetivo do seu texto era convencer o leitor das desvantagens que o sistema de política de cotas proporciona.

De acordo com um dos aspectos de estruturação do gênero textual, que é opinar sobre determinado assunto, a aluna conseguiu se posicionar contra essa política afirmativa de forma satisfatória, visto que expôs seu ponto de vista de maneira clara, obedecendo ao que é convencional neste gênero textual.

A seguir, o segundo texto que analisaremos:

Quadro 2 - Versão final artigo de opinião 02

Cotas

O sistema de cotas para negros nas universidades foi adotado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 2001, e ainda gera polêmica e divide opiniões.

Há vários argumentos contra e a favor, todos bastante sensatos. Nem o governo sabe qual posição tomar. Tanta incerteza tem um ponto positivo: a reserva de vagas para negros gera um debate importante sobre racismo no Brasil.

A primeira instituição federal de ensino superior a implantar o sistema de cotas foi a Universidade de Brasília. Há poucos negros nas universidades e isso dificulta que eles se unam para lutar pelos seus direitos. É preciso mudar o tipo de relação que existe na academia. E isso só vai acontecer quando houver vários negros lá dentro.

J. O. (1º ano B)

Fonte: Acervo Pessoal

Podemos observar que neste texto não houve fuga ao tema, o que faz com que atenda ao primeiro objetivo designado para a correção. A aluna cita a importância de discutir essa questão e se coloca a favor dessa política afirmativa, mostrando que ingressando nas universidades, os negros terão mais chances de lutar pelos seus direitos. A discente, ao dizer que “A primeira instituição federal de ensino superior a implantar o sistema de cotas foi a Universidade de Brasília”, apresenta uma informação relevante e demonstra conhecimento prévio sobre a temática em questão.

A aluna reconhece que a política de cotas “ainda gera polêmica e divide opiniões” e que “a reserva de vagas para negros gera um debate importante sobre racismo no Brasil”, proporcionando ao leitor uma reflexão. Mas, por esses argumentos estarem em parágrafos muito curtos, não oferecem informações suficientes para que as ideias sejam resgatadas do parágrafo anterior ou relacionadas com o próximo, gerando lacunas na transição entre eles.

Como aponta Antunes (2006, p. 173), “para que um conjunto de palavras seja um texto, é preciso que tudo, de alguma forma, esteja articulado, encadeado, ligado, o que promove a sua coesão, e em parte, sua coerência”. Neste sentido, considerando os avanços na escrita da aluna, notamos que ela obteve um bom desempenho ao mostrar que, mesmo o

sistema de cotas causando uma grande polêmica e dividindo opiniões, tem gerado “um debate importante sobre racismo no Brasil”.

A conclusão apresentada pela aluna é interessante do ponto de vista da argumentação, pois, ao dizer que “Há poucos negros nas universidades e isso dificulta que eles se unam para lutar pelos seus direitos”, e que a “luta pelos seus direitos” só pode ocorrer “quando houver vários negros lá dentro”, gera uma reflexão no leitor, uma vez que, como ela mesma afirma, dentro das suas limitações de escrita, a implantação das cotas nas universidades federais é capaz de fomentar discussões acerca das questões raciais. Este discurso torna seu texto relevante, e, mesmo não respeitando inteiramente a estrutura de um artigo de opinião, é um texto opinativo em que a discente se coloca como sujeito do seu próprio discurso e defende um ponto de vista.

Diante das limitações percebidas nos alunos e da pouca intimidade que demonstraram ter com a escrita no início da aplicação da sequência didática, é perceptível o progresso conseguido, mesmo reconhecendo a fragilidade dos textos, que ainda estão distantes dos moldes de um autêntico artigo de opinião. Porém, reconhecemos que muito já foi feito, e que depois dessas atividades houve uma diminuição da aversão com relação à escrita.

As sequências didáticas sobre artigo de opinião tiveram como finalidade principal incentivar as práticas de linguagem por meio da ampliação da argumentação dos alunos, tanto na escrita quanto na oralidade, e também estimular a discussão sobre a temática das cotas raciais nas universidades federais do Brasil.

De forma geral, percebemos que as duas alunas tiveram desempenhos diferentes, mas não menos satisfatórios dentro do que traçamos como objetivo para a turma, escrever um texto opinativo, claro, coerente, sem contradição de ideias e que não fugisse ao tema proposto.

Durante o processo de ensino/aprendizagem, fomos cautelosos com relação às exigências, uma vez que, tanto as duas alunas quanto o restante da turma afirmaram nunca ter escrito um artigo de opinião. Acreditamos ser essa a principal razão de demonstrarem bastante dificuldade durante a escrita. Toda a aplicação dessa sequência didática foi um processo de superação, pois a turma tinha um baixo índice de leitura e escrita, o que nos levou a repensar tanto as estratégias de ensino quanto os níveis de cobrança a serem exigidos.

3.2 Entrevista

Iniciamos a sequência didática de entrevista com a exibição do filme nacional “Besouro”, atendendo ao pedido de vários alunos que tinham a curiosidade de conhecer o enredo da história, pois era citada nas aulas. O filme mostra a luta dos negros para sobreviver num Brasil recém-abolicionista, no qual o principal meio de resistência dos personagens é a capoeira. A discussão com a turma girou em torno da cultura, pois abordamos principalmente as questões da religiosidade apresentada no filme, bem como a importância da capoeira dentro daquele contexto.

Sendo assim, começamos a trabalhar o gênero textual proposto para esse módulo com a leitura de uma entrevista com o ator Sérgio Laurentino, que interpretou um personagem no filme Besouro. Debates sobre os tipos de perguntas feitas, a opinião do ator em algumas respostas, bem como o que os alunos acharam mais relevante na entrevista. A partir disso, levantamos o horizonte de expectativas, perguntando-lhes o meio de circulação deste gênero, seu público alvo, tipos e função social. Essa atividade serviu como ponto de partida para o aprofundamento desse gênero textual.

A entrevista com um dos atores do filme “Besouro” foi apenas uma das três entrevistas escritas que trabalhamos com a turma. A partir delas, abordamos os aspectos teóricos, como características estruturais, linguagem utilizada e tipos de perguntas. Através da exibição de uma entrevista feita com o lutador Anderson Silva, realizada pela apresentadora Eliana em seu programa, transmitido pela emissora SBT, trabalhamos aspectos teóricos referentes à transcrição de uma entrevista e à passagem da modalidade oral para a escrita: como eliminar ou inserir elementos; transformar, através de reconstrução ou reorganização, trechos da entrevista, respeitando a ideia do entrevistado; e introduzir elementos para que o leitor entenda com clareza o texto.

Os alunos tiveram contato com entrevistas orais e escritas, formais e informais, a fim de perceberem as diferenças quanto aos aspectos apresentados em sala de aula. Este trabalho de análise incentivou o desenvolvimento de habilidades ligadas ao ato comunicacional, como construção de discursos e adequação da linguagem, além de contribuir para compreensão dos aspectos estruturais específicos desse gênero.

Com as dinâmicas, a turma pôde conhecer o processo de elaboração e seleção das perguntas feitas para uma entrevista, e o processo de elaboração do perfil do entrevistado.

Na dinâmica da minientrevista, os alunos, organizados em duplas, elaboraram

perguntas a partir de critérios, como relevância das informações obtidas na entrevista, sequência de perguntas e linguagem utilizada. Com essa atividade, puderam participar e compreender efetivamente o processo de elaboração de uma entrevista.

Em outra dinâmica, colocamos no quadro-negro algumas perguntas para que os alunos respondessem. Em seguida, eles trocaram entre si as respostas para que cada um elaborasse um perfil a partir das respostas que obtiveram. Com essa atividade, a turma aprendeu a construir um texto coerente e coeso a partir de um texto fragmentado, como a entrevista, e puderam comparar o resultado dessa atividade com os textos apresentados em entrevistas estudadas anteriormente.

Sendo assim, atividades como a elaboração de perguntas, elaboração do perfil, produção e discussão dos textos serviram como preparação para a entrevista que eles realizariam para compor o jornal. O corpo discente sabia que a entrevista, assim como os outros gêneros, não seria apenas uma atividade para comprovar seu aprendizado em sala de aula, mas que seus textos iriam ter uma funcionalidade, pois seriam lidos por outras pessoas. Esse fato fez com que eles se dedicassem ainda mais à realização das atividades.

A principal delas foi a entrevista com um estudante do curso de Arte e Mídia, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). As perguntas foram elaboradas previamente, seguindo orientações e técnicas expostas anteriormente. Um dia de aula foi reservado para que os alunos realizassem a entrevista e a transcrevessem. Ela foi feita a exemplo de uma roda de imprensa, cuja característica principal é uma pessoa ser entrevistada por várias outras. Desse modo, todos os alunos fizeram perguntas. O conteúdo dessas perguntas foi dividido em dados pessoais, formação profissional e opinião a respeito de temas abordados em sala de aula, como, por exemplo, a opinião sobre preconceito e cotas raciais. Finalizada a entrevista, os alunos, com a nossa ajuda, transcreveram as respostas. Em outra aula, editaram a transcrição de acordo com as instruções do módulo, apresentadas e estudadas em aulas anteriores, e elaboraram o perfil do entrevistado a partir das respostas dadas durante a entrevista. Após seleção de perguntas e respostas, a entrevista foi inserida no jornal escolar.

A seguir, podemos observar, na primeira coluna, as perguntas feitas durante a entrevista e selecionadas para compor o jornal; na coluna do meio, está a transcrição fiel das respostas do entrevistado; e, na terceira e última coluna, a edição das respostas feitas pelos alunos. Nosso objetivo com a exposição de perguntas e respostas foi observar os critérios de edição utilizados pelos discentes. Vejamos:

Tabela 1 - Entrevista

PERGUNTAS	RESPOSTA DO ENTREVISTADO	RESPOSTAS EDITADAS PARA O JORNAL
O que você faz?	Já fiz tudo isso que ela disse, já passei por um bocado de coisa, mas hoje eu profissionalmente trabalho como design gráfico e internet.	Hoje, profissionalmente trabalho com design gráfico e internet.
Quem lhe incentivou a seguir essa profissão?	Eu passei por muita coisa, desde cedo tive contato com arte, com desenho... né? Aí comecei nessa área. Aí com o tempo fui vendo o que mais se aproximava dentro de universidade ao que eu já fazia, até que chegou aos dois cursos que eu fui matriculado, Comunicação Social e Arte e Mídia. Comunicação eu cursei um ano, e Arte e Mídia estou cursando.	Desde cedo tive contato com arte, com desenho... E também comecei na área. Com o tempo fui vendo que o que mais se aproximava dentro de universidade com o que eu já fazia era Comunicação Social e Arte e Mídia. Comunicação eu cursei um ano, e Arte e Mídia estou cursando.
O que você pensa sobre as cotas raciais nas universidades federais do Brasil?	As cotas... Enfim apesar de todo o rebuliço que se cria sobre essa questão, o grande mérito das cotas é esse de igualar índios e negros e brancos a princípio, em quantidade né? Na minha turma em Arte e Mídia na UFCG eu sou o único negro de 30 alunos que entraram e as cotas estão aí pra isso, pra inserção, essa questão de por exemplo, daqui a 15 ou 10 anos entrarem 15 negros e 15 brancos sabe? O grande mérito das cotas é isso, mas isso não vai medir inteligência de ninguém, nem vai dizer se aquela pessoa vai ter sucesso ou não. Isso aí é uma série de fatores que acabará criando essa consequência. Mas por exemplo, dos 15 que entrarem 7 negros podem dar certo e 7 brancos também, agora um negro entrando e 29 brancos, é uma concorrência desleal.	Acho que o grande mérito das cotas é o de igualar índios e negros e brancos, a princípio, em quantidade. Na minha turma em Arte e Mídia eu sou o único negro de 30 alunos que entraram, e as cotas estão aí pra isso, pra inserção, por exemplo, daqui a 15 ou 10 anos entrarem 15 negros e 15 brancos. O grande mérito das cotas é isso, mas isso não vai medir inteligência de ninguém, nem vai dizer se aquela pessoa vai ter sucesso ou não. Dos 15 que entrarem 7 negros podem dar certo e 7 brancos também, agora um negro entrando e 29 brancos, é uma concorrência desleal.

<p>Qual sua opinião sobre o racismo? E qual o caminho para superá-lo?</p>	<p>O racismo... bem o racismo aqui no Brasil é ainda mais difícil de combater porque é muito por ele ser camuflado... por ele estar muitas vezes num olhar, no jeito de olharem pra você, há uma repulsa, não é aquela coisa: os negros aí, os brancos aqui. E torna mais difícil ainda o combate por causa disso e isso. A forma de combater é aquela coisa: você ser branco ou ser negro é questão natural, biológica, e isso não quer dizer nada. É não criar em todas as instituições em que você se envolve, família, igreja, escola... é não alimentar essa distinção de que por você ser desse cor você é superior, por você ser desse cor você é inferior, criar não níveis de igualdade, mas a igualdade e promover acima de tudo o respeito à diferença porque aí não vai acontecer preconceito contra nenhuma diferença.</p>	<p>O racismo aqui no Brasil é ainda mais difícil de combater porque é muito camuflado. Está no jeito de olharem pra você, há uma repulsa, não é aquela coisa: os negros aí, os brancos aqui. E fica mais difícil ainda o combate por causa disso. A forma de combater é aquela coisa: você ser branco ou ser negro é questão natural, biológica, não quer dizer nada. A questão não é criar níveis de igualdade, é criar igualdade de direito e promover acima de tudo o respeito à diferença porque aí não vai acontecer preconceito contra nenhuma diferença.</p>
<p>Se você fosse presidente o que você mudaria no país?</p>	<p>Se eu fosse presidente o que é que eu mudaria? Tem muita coisa pra mudar, pra ser bem geral assim mais investimento na saúde, educação. Agora o que eu também faria era investir em métodos pra diminuir o índice de violência, investiria em cursos de capacitação, de cultura, de arte, ao invés de criar repressão. Tem que dar alternativas, como ong's, clubes de cultura afro e indígenas, é dar alternativas pra proporcionar experiências interessantes.</p>	<p>Tem muita coisa pra mudar, mais investimento na saúde, educação. Também tentaria diminuir o índice de violência, criaria cursos de capacitação, de cultura, de arte, ao invés de gerar repressão. Tem que dar alternativas, como ong's, clubes de cultura afro, para proporcionar experiências interessantes.</p>

<p>Como você entrou na capoeira e o que ela representa na sua vida?</p>	<p>No tempo que eu entrei eu estava na Equipe de comunicação do CUCA, o centro universitário de cultura e arte. E a gente tinha agregado ao projeto o grupo de capoeira, então eu aproveitei a onda e entrei. Capoeira é muito interessante, é um esporte, dança, é uma luta, é uma brincadeira, é filosofia de vida. A capoeira é o que você fizer dela. E como meu instrutor dizia: a capoeira é uma roda pequena que ensina a viver na roda grande que é o mundo. Na hora que você entra em uma roda você tem que confiar no seu jogo, e se você vai pra uma entrevista de emprego você tem que ir seguro do que você sabe, do que você quer. Na capoeira você não precisa derrubar ninguém pra mostrar que é bom e na vida também não, então muito do que você faz na capoeira você leva pra vida.</p>	<p>Quando eu entrei participava do cuca que estava ligado ao grupo, Aproveitei e entrei. A Capoeira é muito interessante, é esporte, dança, luta, brincadeira, filosofia de vida. A capoeira é momento, é o que você faz dela. Como meu instrutor dizia: a capoeira é uma roda pequena que ensina a viver nessa roda grande que é a vida. Muito do que você faz na capoeira você leva pra vida.</p>
<p>Como você gostaria de ser lembrado?</p>	<p>Eu gosto muito quando as pessoas elogiam algo como sua integridade, como você consegue tratar as pessoas bem, como você consegue respeitá-las, como você consegue ser ético. Como eu gostaria de ser lembrado? Como uma pessoa que correu atrás, chegou muito longe e onde queria e continuou respeitando as pessoas sabe? Que apesar de chegar muito longe não precisou prejudicar ou desrespeitar ninguém.</p>	<p>Eu gosto muito quando as pessoas elogiam sua integridade, por tratar as pessoas bem, respeitá-las, ser ético. Enfim, ser lembrado como alguém que chegou onde queria (longe) e continuou respeitando as pessoas.</p>

Fonte: Acervo Pessoal

Podemos observar que, na primeira resposta, os alunos reduziram a fala do entrevistado, eliminando o início: *“Já fiz tudo isso que ela disse”*, pois isto fazia referência às informações que tinham sido apresentadas sobre ele por um dos estagiários, para que, em seguida, os alunos iniciassem a entrevista oralmente. Esta fala foi pronunciada dentro de um contexto em que todos compreenderam e aceitaram sua utilização, o que não é possível na escrita. Houve também a eliminação de expressões que davam ao texto certo tom de

informalidade, segundo os alunos, como em *“já passei por um bocado de coisa”*. Essas alterações resultaram em uma resposta mais clara e objetiva para um texto escrito.

Na segunda resposta também ocorreu a eliminação das marcas informais da oralidade, como *“né”* e *“ai”*, o que levou a turma a reorganizar a resposta. Percebemos na transcrição que o entrevistado explicou como foi o processo que o levou a cursar duas faculdades, e, na resposta editada, os alunos reorganizaram essa explicação, dando mais objetividade ao texto escrito. O texto não foi resumido, mas sim reorganizado; eles retiraram elementos comuns à fala e ajustaram a linguagem, deixando-a mais direta.

Com relação à terceira resposta, os alunos eliminaram a primeira parte da resposta por acreditarem ser típica de uma fala informal. Com essa decisão, houve uma melhor adequação do texto, considerando a linguagem escrita. Com esse processo de retextualização, não queremos colocar a fala e a escrita como atividades polares, mas sim graduais e contínuas, como aponta Marcuchi (2005), pois compreendemos que, dentro de suas características específicas, essas atividades pertencem a ordens diferentes, que conseqüentemente atendem a diferentes necessidades que se adequam de acordo com a situação sóciointerativa. Feitas as observações que jugaram necessárias, os alunos consideraram que o entrevistado começou a responder efetivamente a partir de *“o grande mérito das cotas...”*. A resposta ficou visivelmente reduzida, mas sem a necessidade da reorganização da fala. Os alunos apenas retiraram trechos da resposta e os exemplos foram mantidos, respeitando a ideia principal da resposta dada pelo entrevistado.

Ao observarmos a coluna da transcrição, percebemos que, na maioria das respostas, o entrevistado teve por hábito repetir a pergunta feita, ou parte dela. No texto oral, essa atitude é aceitável devido à dinamicidade da fala, diferente do texto escrito, que é estático. Por isso, sempre que os alunos identificaram esse tipo de repetição, retiraram-na, como ocorre na quarta resposta. Ainda nessa questão, a turma retextualizou a resposta ao identificarem a redundância no trecho *“por ele estar muitas vezes num olhar, no jeito de olharem pra você...”*. Ao reorganizarem a fala, essa repetição foi eliminada no texto escrito, mas a ideia do entrevistado foi respeitada.

Ainda nessa resposta, observamos que os discentes optaram por enxugar a fala do entrevistado, retirando o exemplo citado, bem como trechos que não condiziam a uma ideia conclusiva, mantendo foco na ideia principal de seu discurso.

Na quinta resposta, ocorreram as mesmas eliminações que foram feitas anteriormente em outros momentos do texto: repetições da pergunta na resposta *“Se eu fosse*

presidente o que é que eu mudaria?”; marcas da oralidade *“pra ser bem geral assim”*. A retirada desses elementos acarretou uma reformulação da resposta, que, mesmo resultando em um texto mais reduzido, ficou mais objetiva, sem comprometer o que foi dito originalmente durante a entrevista.

No que diz respeito à sexta resposta, pudemos verificar que a versão final ficou bem mais reduzida do que a original devido à decisão do grupo de retirar os exemplos apresentados pelo entrevistado, deixando exclusivamente a opinião final sobre o que é capoeira. Os alunos justificaram que o mais importante foi dito no final da fala e que a supressão dos exemplos não comprometeria a resposta final. Outra modificação feita por eles foi com relação ao início da resposta, alegando que na escrita ficaria melhor *“quando eu entrei”*, ao invés de *“No tempo que eu entrei...”*. Propuseram essa mudança, defendendo que, desta forma, ficaria de acordo com o restante da reorganização que fizeram das informações, resumindo, assim, consideravelmente a resposta.

Na sétima e última resposta, os alunos perceberam que, durante sua fala, o entrevistado repetiu várias vezes a palavra *“consegue”*, na intenção de enfatizar a importância de *“tratar as pessoas bem”*, *“respeitá-las”* e *“ser ético”*. Na oralidade, essa repetição passa despercebida, ao contrário da escrita, por isso optaram por retirar as repetições, mantendo o essencial da resposta do entrevistado. Como nessa resposta o entrevistado contextualizou a sua fala para retomar o foco, acabou repetindo a pergunta como uma forma de reorganizar o discurso. Na retextualização, essa repetição foi retirada, havendo também uma reorganização da ideia principal defendida do entrevistado, pois a turma levou em consideração o essencial dessa resposta, contido no trecho: *“como alguém que chegou onde queria (longe) e continuou respeitando as pessoas.”*

Ao término dessa análise de retextualização e edição das respostas, percebemos que algumas operações se repetiram ao longo da atividade. Por isso, achamos necessário comentar algumas delas. Por exemplo, o ato de eliminar ou inserir elementos, como palavras e pontuação, que é uma das estratégias utilizadas na transcrição do texto oral para o escrito. Nesse caso, também pode ocorrer a eliminação das hesitações, com o propósito de obter um texto mais objetivo e claro, como ocorreu com a retextualização dos alunos. Observamos também a inserção e retirada de palavras, bem como a eliminação das hesitações durante o processo de edição das respostas feito pela turma.

Outro recurso utilizado durante essa transcrição foi a retirada de repetições, como na ocasião em que o entrevistado repetiu na resposta parte da pergunta, e a retirada das redundâncias, uma vez que, na fala, a estrutura do texto abre espaço para essas estratégias,

mas que, na escrita, não tem a mesma aceitação. Também é permitida a inserção de pontuação, o que contribuirá para uma boa compreensão da fala do entrevistado, e a paragrafação, que permite uma estruturação organizada do texto falado.

Durante a atividade de transcrição da oralidade para escrita, também são permitidas as estratégias de transformação, sendo estas: a reconstrução de estruturas truncadas, reordenação sintática e encadeamentos, respeitando a norma escrita da língua portuguesa. Essa operação pode deixar o texto escrito menor em relação ao original, e seu principal objetivo é fazer com que o texto escrito seja tão, ou mais claro, que o falado.

No final deste módulo, notamos uma evolução na oralidade e na escrita da turma. Muitos alunos perderam a timidez em falar para o restante da sala, o que era comum no início do curso, uma vez que tinham vergonha em emitir qualquer opinião. No momento da entrevista, eles se mostraram seguros ao fazerem as perguntas para o entrevistado, e a desenvoltura como entrevistadores melhorou consideravelmente. Outra evolução perceptível foi com relação à escrita. Neste módulo, os jovens tiveram contato com as mais diferentes etapas e formas de produção textual, desde a elaboração do perfil do entrevistado, até a transcrição e retextualização de uma entrevista. Sendo assim, passaram por várias formas de exercitar a escrita e, através de correção e orientação, atingiram um nível satisfatório proposto para essa atividade.

3.3 Jornal

As atividades culminaram na produção de um jornal escolar, que teve como objetivo registrar os textos escritos pelos próprios discentes e divulgar para a escola parte do trabalho realizado no âmbito do projeto “Literatura e afrodescendência: o que há por trás disso?”.

Esta atividade toca em duas questões importantes: os alunos como autores dos textos e a possibilidade de divulgação desse material em um suporte como o jornal. Esses dois pontos foram determinantes para uma maior dedicação dos alunos com relação ao trabalho proposto, além de possibilitar a compreensão da funcionalidade dos textos que eles produziram, elevando a autoestima desses jovens, que, ao verem seus escritos compondo um jornal e sendo lidos por professores, direção e outros alunos, perceberam que o ato de leitura e escrita não se limita à sala de aula e tem como objetivo a comunicação, nesse caso entre

alunos e escola.

Com o jornal, os alunos tiveram a oportunidade de se colocarem como redatores, repórteres, fotógrafos, enfim, responsáveis por um trabalho maior do que apenas escrever e ter seus textos corrigidos e esquecidos em cadernos ou folhas. Seus textos foram escritos, corrigidos, reescritos, editados, publicados e lidos por várias pessoas. Desde o início das atividades, fomos preparando os alunos para a produção do jornal a fim de se empenharem na produção dos seus textos, pois seriam selecionados para a publicação.

As primeiras aulas voltadas para a elaboração do jornal escolar consistiram em, inicialmente, conhecer o jornal enquanto suporte midiático, observando sua estrutura, diagramação, linguagem e conteúdo. Para isso, foi realizado um trabalho comparativo entre dois jornais, o Diário da Borborema e o Jornal da Paraíba, que circulam na cidade. Orientamos os alunos para que observassem a disposição dos textos nas páginas e analisassem a capa do Jornal Diário da Borborema. Pedimos também para que os alunos identificassem os gêneros textuais que eram comuns aos dois jornais, as seções fixas e variáveis e os temas que eram tratados nessas edições dos jornais. Para a realização desse trabalho, os alunos tiveram como suporte teórico o material contido no módulo que foi entregue à turma.

Percebemos que a turma não tinha o hábito de ler jornal, mas, ao terem contato com esse suporte houve o interesse de conhecer como ele se estrutura, bem como cada seção que o compõe e identificar textos iguais aos que eles escreveram nas aulas anteriores, isto é, todos procuraram a página que continha um artigo de opinião e alguma entrevista.

Nas aulas seguintes, iniciamos um trabalho voltado para a elaboração efetiva do jornal. Mostramos as etapas necessárias para a diagramação, adaptando-as para a produção de um jornal escolar, e enfatizamos a importância dos elementos do jornal impresso e a hierarquização da diagramação, pois essas foram as etapas em que os alunos tiveram participação efetiva, tendo em vista que aspectos como espaçamento, fontes tipográficas, arte, e cor ficaram sob a responsabilidade do profissional que realizou a diagramação completa do jornal.

Dessa forma, queremos verificar se, ao participarem dessa atividade, os alunos imprimiram suas marcas pessoais de modo a expressarem para os leitores as características do curso e da turma, se eles compreenderam a importância da disposição gráfica no processo de comunicação, e se reconheceram que a produção do jornal escolar exige deles uma postura diferente da tradicional, dando-lhes autonomia para tomar decisões, incentivando o trabalho coletivo e fazendo com que eles assumam a responsabilidade de divulgar informações.

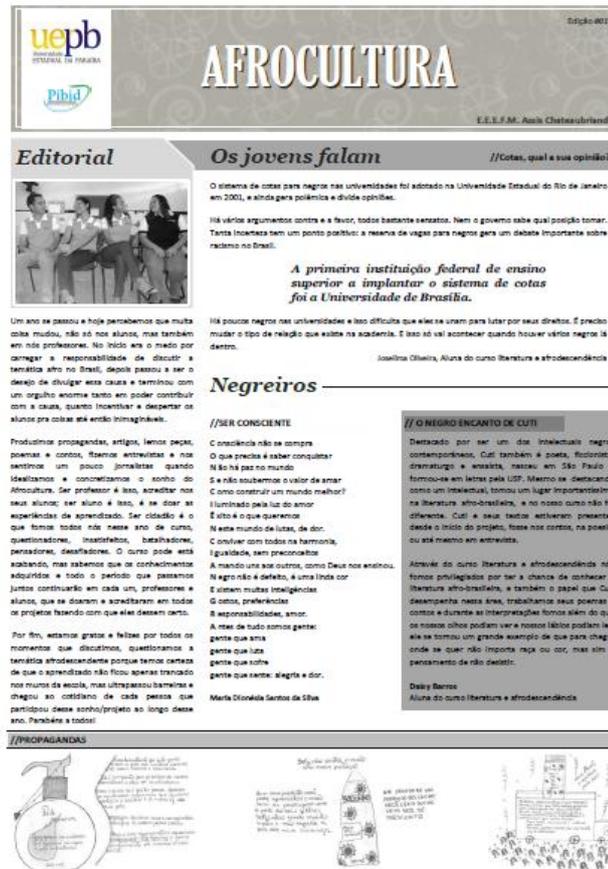
Tivemos uma aula exclusiva para a criação do jornal escolar. A turma, desde o início das aulas, teve conhecimento de que o conteúdo do jornal seria, de certa forma, o conjunto de todas as atividades realizadas no curso. No período de um ano, aplicamos sequências didáticas sobre propaganda, poema, conto, artigo de opinião, entrevista e teatro, e os resultados dessas atividades foram selecionados para compor o jornal escolar, que foi mais uma sequência aplicada. A seguir, mostraremos de que forma os conteúdos trabalhados foram selecionados e colocados no jornal, de modo que a produção dos alunos fosse divulgada à comunidade escolar.

De início, definimos a disposição gráfica do texto nas duas páginas do jornal. Previamente, avisamos que haveria um espaço na folha destinado ao editorial, texto que nós, professores, escrevemos e definimos a localização. Em seguida, os alunos definiram que os textos deveriam ser apresentados no jornal de forma cronológica, ou seja, eles defenderam que o conteúdo estudado no primeiro semestre deveria vir na primeira página: propaganda, poema, conto e também artigo de opinião, por ser um gênero que possibilitou o estudo de uma temática atual e relevante no contexto escolar, digno de vir na primeira página.

Definimos os locais do editorial, que foi escrito por nós pelo fato de não ter sido um gênero trabalhado com a turma, e do artigo de opinião. Tão logo, a turma decidiu que deveria existir uma seção no jornal que fosse destinada à literatura. Um poema, trazido e lido por um dos alunos, foi selecionado para essa seção. E, para representar o módulo em que estudamos o conto, decidiram escrever o perfil do autor Cuti, justificando que esse escritor esteve presente durante o curso, desde a leitura de um dos seus contos, nos primeiros dias de aula, bem como na atividade de reescrever o final de uma de suas narrativas, finalizando com a leitura de uma entrevista dada por ele e lida durante o módulo que tratava deste gênero. Os alunos afirmaram que o módulo sobre contos estaria bem representado pelo escritor. Sugerimos que, para a elaboração do perfil, utilizassem o que aprenderam nas aulas sobre entrevista.

Por fim, optaram por colocar as propagandas no rodapé da página, e, por ser um espaço pequeno, escolheram apenas três das várias produzidas em sala. A diagramação foi simulada no quadro-negro, e, de acordo com a opinião e justificativa dos alunos, essas informações eram colocadas no quadro. Em seguida, anotamos as especificações em um papel para ser entregues ao diagramador. A seguir, podemos ver o resultado da primeira página do jornal:

Figura 1 – Primeira página jornal Afrocultura



Fonte: Acervo Pessoal

O próximo passo foi estabelecer a diagramação da segunda página, que iria conter as produções do segundo semestre. Com a página disposta em três colunas, os alunos optaram por colocar a entrevista na primeira coluna; as fotografias da exposição “Fui à feira e achei arte”, na segunda coluna, dando maior destaque as fotos; e, por fim, na terceira coluna, foram publicados comentários de alunos, da professora supervisora do projeto e da diretora da escola Assis Chateaubriand, finalizando, assim, a segunda página.

A atividade que deu origem a exposição fotográfica foi resultado das aulas sobre teatro, nas quais trabalhamos a peça *Quebra-Quilos*, de Márcio Marciano. Ao término da leitura, os alunos visitaram a Rua Quebra-Quilos, na cidade de Campina Grande, Paraíba, que tem grande importância na história da cidade e da região por ter sido um dos palcos dessa revolta, de mesmo nome. A visita à Rua Quebra-Quilos proporcionou aos alunos o contato com elementos que foram motivos de conflito na revolta, balanças e pesos, que hoje fazem parte do cotidiano.

Por ser uma rua próxima à principal feira da cidade e esta ter sido também um dos palcos dessa revolta, ampliamos nosso passeio. Assim, os alunos fotografaram imagens que,

segundo eles, tiveram relações com trechos da peça. A exposição fotográfica foi seguida de uma notícia, escrita por nós, pois esse gênero não havia sido trabalhado com a turma, cabendo aos alunos a seleção das fotos que deveriam compor o jornal.

Mais uma vez, as informações foram anotadas, tanto no quadro quanto no papel, para serem executadas pelo diagramador. E o resultado foi esse:

Figura 2 – Primeira página jornal Afrocultura

Nós perguntamos e eles respondem	Lançamento do Jornal e Exposição fotográfica	Fala aí...
<p>Josélio Oliveira, bacharelado em Arte e Mídia, pela Universidade Federal de Campina Grande, foi coordenador do projeto "In-Expo", financiado pelo Ministério da Cultura. É profissional independente em design gráfico e trainer. Foi professor de Desenho e Atividade numa escola pública do bairro do Paraguri através de um projeto de extensão vinculado a UFGO. Foi membro de diretoria de comunicação do Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA). E faz parte da Escola de Capoeira Afro Negro.</p> <p>O que você faz? Trabalho profissionalmente com design gráfico e trainer.</p> <p>Quem lhe incentivou a seguir essa profissão? Desde cedo tive contato com arte, com desenho... E também com o teatro. Com o teatro foi vendo que o que mais se aproximava dentro de universidades com o que eu já fazia era Comunicação Social e Arte e Mídia. Comunicação eu comecei um ano, e Arte e Mídia estou cursando.</p> <p>O que você pensa sobre as cotas raciais nas universidades federais do Brasil? Acho que o grande número das cotas é o de igualar índios e negros e brancos a população, em quantidade. Na minha turma em AM eu sou o único negro de 30 alunos que entramos e as cotas são de 10 por turma, por exemplo, por exemplo, depois a 15 ou 20 anos entraram 15 negros e 15 brancos. O grande número das cotas é isso, mas não são vai medir a inteligência de ninguém, nem vai dizer se aquela pessoa vai ter sucesso ou não. Das 15 que entramos 7 negros podem dar certo e 7 brancos também, agora um negro entrou e 20 brancos, é uma concorrência desigual.</p> <p>Qual sua opinião sobre o racismo? É qual o caminho para acabar? O racismo aqui no Brasil é ainda muito difícil de combater porque é muito complexo. Está no jeito de olharem pra você, há uma reputação, não é aquela coisa: os negros aí, os brancos aqui. É fica mais difícil ainda o combate por causa disso. A forma de combater é aquela coisa: você ser branco ou ser negro é questão natural, biológica, não quer dizer nada. A questão não é criar ideias de qualidade e criar qualidade de direito, e promover ações de tudo o respeito à diferença porque se não vai acontecer preconceito contra nenhuma diferença.</p> <p>Se você fosse presidente o que você mudaria no país? Tem muita coisa pra mudar, mais investimento na saúde, educação. Também tentaria diminuir o índice de violência, criar cursos de capacitação, de cultura, de arte, ao invés de gerar repressão. Tem que dar alternativas, como inglês, cursos de cultura afro, para proporcionar oportunidades interessantes.</p> <p>Como você entrou na capoeira e o que ela representa na sua vida? Quando eu entrei participei do curso que estava ligado ao grupo, Aproveitei e entrei. A Capoeira é muito interessante... é uma espécie de dança, uma brincadeira, filosofia de vida. A capoeira é momento, é o que você faz dela. Como meu instrutor dizia: a capoeira é uma luta pequena que entra a luta mais toda grande que é a vida. Muito do que você faz na capoeira você leva pra vida.</p> <p>Como você gostaria de ser lembrado? Eu gosto muito quando as pessoas elogiam sua inteligência, por tratar as pessoas bem, respeitá-las, ser ético. Então, ser lembrado como alguém que chegou onde queria chegar e continuou respeitando as pessoas.</p>	<p>Dia 24 de novembro será um dia muito importante para o projeto <i>Literatura e Afrodescendência</i> o que há por trás disso? Para lá da sua inauguração o jornal <i>Afrocultura</i> e também haverá a exposição <i>Fala aí</i> e a arte com fotos tiradas pelas próprias alunas, numa visita feita a Rua Quebra-Cabeças no centro de Campina Grande.</p> <p>CENA 3 Mapas "Invenham lá dentro as suas coisas, mestre e trouxa"</p>  <p>CENA 3 Mapas: "Invenham lá de fora essas coisas de Campina"</p>  <p>Prólogo literário: "Senhor, pode dizer-me onde estamos?"</p> <p>Digamos: Longa das pessoas de bem eu prezamos.</p> <p>Do contrário não falta essa pergunta a um sujeito no meu estado?</p> 	<p>"Apesar de ser bastante novo, o curso trouxe um baú cheio de novidades, que despertou em nós uma sensação nova, mais por dentro das questões da afrodescendência." Aluna do curso Daely Barros</p> <p>"O módulo que eu mais gostei foi o de entrevistas, porque ficamos mais comunicativos e aprendemos a lidar mais com as pessoas." Aluna do curso Daely Barros</p> <p>"O curso de literatura e afrodescendência trouxe para nós alunos do curso Comunicação um enorme conhecimento com relação às questões raciais no Brasil." Aluna do curso Viviana Ferreira</p> <p>"Os alunos melhoraram sua condição e entendimento do mundo ao seu redor, desconstruindo preconceitos, e tiveram acesso à leitura." Prof. Supervisor Vilma Lima</p> <p>"O curso trouxe pra escola um conhecimento sobre a lei 10.228/02 e um incentivo à discussão sobre racismo, preconceito, valorização da cultura, contribuindo de forma social e moral na educação dos nossos alunos. Diretora do colégio Assis Chateaubriand, Fátima Andréia</p> <p>Turno do projeto Literatura e afrodescendência: o que há por trás disso?</p>  <p>CONTATOS: Blog: http://literaturaeafrodescendencia.blogspot.com/ Facebook: http://facebook.com/literaturo Twitter: @literaturo Orkut: Projeto Literatura Afrodescência</p> <p>A GENTE QUE FEZ: Propaganda: Gisberton Rodrigues e Wagner Vitor Negadores: Arleneide Dias e Daely Barros Fotos e textos / A gente que fez: Larissa Gusdin e Daely Barros Fala aí...: Viviana Ferreira e Jacqueline Silva Aguiar Shakira, Edralva, Josaelma Editorial com os Professores: Ana Moura, Francielle Suenia, José de Sousa e Wiltonete Damasceno</p>

Fonte: Acervo Pessoal

Ao analisar a atividade de diagramação, percebemos que os alunos hierarquizaram as informações a partir de critérios plausíveis para o jornal escolar: seguindo tanto o critério da cronologia, como a qualidade das atividades produzidas, selecionaram o artigo de opinião para a primeira página e as fotografias para a parte central da segunda página. Com isso, eles entenderam que é importante estabelecer critérios no momento da seleção do que vai ser publicado no jornal impresso.

A próxima etapa da elaboração do jornal escolar foi a escolha do nome do suporte e das seções, que foram escolhidos democraticamente entre os alunos, de acordo com o critério de votação. Dois alunos sugeriram dois nomes: "Só Negros" e "Afrocultura". A turma optou pelo "Afrocultura" afirmando que seria o nome que melhor expressaria o que eles

aprenderam durante o curso: tanto a história do afrodescendente quanto a sua cultura, que, em várias situações, perceberam estar mais próxima deles do que imaginavam.

A escolha dos nomes das seções também foi feita de forma democrática: um aluno sugeria o nome e defendia sua escolha. Em seguida, a turma concordava ou não. Na seção “Negreiros”, ocorreu exatamente isso, um aluno sugeriu e todos concordaram. Nas seções “Os jovens falam” e “Nós perguntamos e eles respondem”, intervimos primeiramente para esclarecer as principais características das seções e os alunos escolhiam os nomes em conformidade com as propostas das seções.

Passadas essas etapas, dividimos a turma. Uma dupla selecionou as propagandas que seriam publicadas no jornal, outra selecionou as fotografias, e uma terceira dupla ficou responsável por pegar com a professora supervisora do projeto e com a diretora da escola os comentários da seção “Fala aí” e também selecionar comentários de dois alunos da própria turma, a partir dos que seriam postados no blog do projeto. Um grupo de alunas foi responsável por escrever o perfil do escritor Cuti, escolher um poema lido durante o curso e selecionar as perguntas da entrevista. O artigo de opinião foi escolhido por nós. Após a divisão e a conclusão das tarefas, fizemos uma reunião com o objetivo de os alunos mostrarem o que foi selecionado e os critérios de escolha. Na conclusão dessa atividade, percebemos a grande responsabilidade com que os alunos cumpriram suas tarefas, pois ao argumentarem sobre suas escolhas, deixaram claro que selecionaram o que melhor expressaria o trabalho feito durante o curso.

Outro ponto que precisa ser mencionado diz respeito à temática afro que circundou todo o projeto e que esteve presente claramente no jornal escolar. Os alunos conseguiram conciliar o que foi visto, estudado, debatido e analisado com a proposta pedagógica defendida nesta atividade. Ao vermos o resultado final da produção do jornal, percebemos a importância de levar para a sala de aula a história e a cultura do negro. A reflexão sobre essas questões resultou em um trabalho que respeitou a identidade do aluno, promoveu a reconstrução de valores sociais, além de cumprir a proposta das Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), que defendem um ensino pautado na transversalidade e interdisciplinaridade, buscando a identidade dos nossos alunos, conhecendo, respeitando e valorizando a diferença.

O lançamento do jornal e a exposição “Fui à feira e achei arte”, foi feito no último encontro do curso. O evento foi aberto a todos os estudantes e funcionários da escola. Os alunos do “Literatura e afrodescendência: o que há por trás disso?” ficaram responsáveis por apresentar tanto as fotos quanto o jornal. Cada visitante recebia um exemplar do jornal, no

qual podia ver os resultados dos trabalhos desenvolvidos no curso, enquanto os alunos explicavam desde o surgimento da ideia do Jornal, processo de seleção de textos, até a divisão de tarefas de cada equipe.

Com esta atividade, os alunos reconheceram a funcionalidade social do jornal na prática: perceberam as suas condições de produção e de circulação. Isso foi muito importante, visto que, na maioria das vezes, em sala de aula, os professores só expõem a teoria sobre o gênero textual trabalhado e, quando escrevem o texto, têm pouca ou nenhuma aplicabilidade. Neste sentido, como afirmam Faria e Zanchetta (2002, p. 141),

o jornal escolar se apoia não só no conhecimento da imprensa escrita, como em uma atitude crítica a seu respeito, a ser desenvolvida durante os trabalhos de elaboração do jornal escolar. Por outro lado, considerando-se que os jornais, pela sua própria natureza, abordam um amplo leque de assuntos e, para isso, também apresentam uma grande diversidade de textos, ele é um dos instrumentos ideais da interdisciplinaridade.

O trabalho de produção e divulgação do jornal escolar exigiu dos alunos e professores uma postura dinâmica e interdisciplinar, proporcionando uma tarefa coletiva que envolveu alunos e professores com o objetivo de promover a comunicação entre os jovens e a comunidade escolar. Além disso, por ser um suporte que compreende diversos gêneros textuais e proporciona os mais diferentes tipos de atividades, o jornal abriu espaço para que os estudantes colocassem em prática diversas habilidades. Esta atividade buscou incentivar a educação que promove a formação não somente do aluno, mas também do cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o trabalho desenvolvido no curso “Literatura e afrodescendência: o que há por trás disso?” contribuiu decisivamente para a formação dos alunos, tornando-os cidadãos mais conscientes da constituição do povo brasileiro, capazes de respeitar as diferenças étnico-raciais da nossa sociedade. Assim, é possível formar na escola agentes multiplicadores da luta contra preconceitos e da valorização cultural baseada na diversidade.

Partindo destas questões, este trabalho teve o seu principal objetivo alcançado, pois, a partir da abordagem intercultural no processo de ensino e da aprendizagem de língua portuguesa, sob a luz da temática afrodescendente, incentivamos as relações étnico-raciais e, junto com os alunos da escola Assis Chateaubriand, conseguimos colocar em prática uma proposta educativa baseada no respeito à diversidade cultural. Os alunos demonstraram uma grande identificação com o trabalho que foi proposto. Percebemos, a cada aula, o aumento gradativo da dedicação, da curiosidade e da determinação em ler, escrever e discutir textos que denunciassessem, questionassem ou revelassem a condição social do cidadão afro brasileiro.

Nosso objetivo específico de estabelecer uma abordagem curricular baseada na transversalidade, por meio dos gêneros textuais, também foi alcançado. Os alunos tiveram contato com artigos de opinião, entrevistas, reportagens, poemas, filmes, além de se exporem aos mais variados tipos de dinâmicas. Essa metodologia trouxe informação, entretenimento e dinamicidade para as aulas, resultando em uma nova maneira de os alunos verem as aulas de português.

Fundamentamos nossas aulas na reorganização do estudo da língua portuguesa, para propor atividades que fossem baseadas na interação da linguagem falada, lida ou escrita, em busca de uma educação que promovesse a integração da diversidade, que direcionasse o desempenho escolar ao respeito à igualdade de direitos e saberes, bem como considerasse o ensino baseado nas diferenças étnico-raciais do nosso país.

Nos últimos meses do curso, percebemos o quanto o desempenho dos alunos aumentou na realização das atividades. Eles desenvolveram sua argumentação através da leitura de diversos gêneros textuais, principalmente o artigo de opinião, e através dos debates dos textos, filme e das diversas temáticas abordadas em sala; ampliaram o vocabulário; melhoraram a leitura; aprenderam a adequar os discursos falado e escrito; e, o principal, compreenderam a aula de português como um espaço voltado para leitura, escrita, oralidade e gramática, partes interligadas da língua portuguesa.

A experiência adquirida por meio desse curso foi determinante para a nossa formação profissional, uma vez que nos permitiu conhecer a dinâmica de uma sala de aula, bem como as demais extensões do universo escolar, nossa atuação docente no projeto, proporcionou um enriquecimento que contribuiu decisivamente para um olhar mais sensível, esperançoso e dinâmico para a sala de aula. Compreendemos o quão importante é o nosso papel e professor, para incentivar o aluno a buscar pelo conhecimento, sentir orgulho por um trabalho realizado, e no desenvolvimento das mais variadas habilidades. Percebemos também, que quando esse trabalho é feito de forma responsável, consciente do papel social, e em conjunto com toda a comunidade escolar, os resultados acontecem mais rápido e são mais duradouros, ocasionando a mudança de vida em todos os envolvidos nesse processo.

Acreditamos que esse trabalho serviu como ponto de partida para uma atuação docente voltada para o compromisso de formar um sujeito autor do seu discurso, um cidadão que compreenda que a língua portuguesa é viva e está a sua disposição para as atividades sóciointerativas.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Iris Maria C.; GOMES, Nilma L.; SANTOS JORGE, Mirian Lúcia. **Literaturas africanas e afro-brasileiras na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARROS, Genize Molina Zilio. **Ideologia e argumentação no artigo de opinião**. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlc/enil/pdf/50_Genize_MZB.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2011.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir Mario; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2006, p. 56-69.

BRASIL. Secretaria da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 2001.

_____. Secretaria da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, Básica, 2000.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

_____. Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

_____. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC, Secretariada Educação Básica, 2006.

BUZEN, Clécio, MENDONÇA, Márcia (org.) **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CAVALCANTI, Joana. **O jornal como proposta pedagógica**. São Paulo: Paulus, 1999.

CANDIDO, Antonio, **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONISIO, Angela P.; MACHADO, Ana R.; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 166-179.

CUNHA, Robério Davi Borges; COSTA, José Carlos. **A cultura afro-brasileira em sala de aula: uma abordagem acerca da lei 10.609/2003**. Disponível em:
<<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ci/article/view/13503/7662> >. Acesso em: 22 mai. 2012.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONISIO, Angela P.; MACHADO, Ana R.; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 180-193.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 7 ed. São Paulo: Pontes, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça, **O texto e a construção dos sentidos**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela P.; MACHADO, Ana R.; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 19-36.

FARIA, Maria Alice. **O jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FREITAS, Fernanda Isabela Oliveira .**Gêneros textuais no ensino médio: uma proposta didática com o artigo de opinião**. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2007. Dissertação de Mestrado.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: atividade de retextualização**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LEITE, Ana Maria de Carvalho. **Elementos articuladores em artigo de opinião: uma experiência com sequência didática no ensino médio**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. Dissertação de Mestrado.

LOURDES, Maria de. **Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas** (4 : 2006 : Rio de Janeiro) Anais do IV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Rabetti. - Rio de Janeiro : 7Letras, 2006, p. 231-232.

SILVA, Williany Miranda. **O gênero textual no espaço didático**. Recife: UFPE, 2003.

PARAÍBA. **Referências curriculares para o ensino médio da Paraíba: códigos e suas tecnologias**. João Pessoa: Secretária de Estado da Educação e Cultura, Coordenadoria de Ensino Médio, 2006.

SOARES, Sergei (et ali). **Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras**. Rio de Janeiro: Ipea, 2005.

Anexos

EDUCAÇÃO EM CRISE?

Valdo Barcelos - professor da ufsm e escritor.

Não! A educação escolar brasileira não está em crise – vou usar a expressão educação escolar, porque educação é algo que vai além da escola. A escola é um dos lugares onde a educação acontece. Dito isso, volto a reafirmar: a educação escolar brasileira não está passando por uma crise como tanto se escuta e se lê diariamente. Mas por que estou afirmando com tanta veemência que a educação não está em crise, se a maioria dos especialistas no assunto e, também, os comunicadores dizem o contrário?

A razão é simples e tem a ver com a palavra crise. Se fosse uma crise, já teria passado. Algo que se prolongue por muito tempo não pode ser chamado de crise. Crise é algo que se resolve dentro de um espaço de tempo não muito longo. Resumindo: crise é algo que sempre é passageiro.

O que está acontecendo com a educação escolar no Brasil vem de muito longe. Vem dos tempos do Império. Tem a ver com a própria origem dos primeiros modelos de educação que foram implantados por essas Terras Brasilis. Assim, nossa situação de precariedade na educação escolar é decorrência do modelo, ou melhor, dos modelos que foram adotados desde sempre.

Vale ressaltar que isso que estou afirmando não é nenhuma novidade. Pelo menos para quem tem se preocupado, realmente, em estudar e tentar entender com seriedade e honestidade o que acontece com a sociedade brasileira em geral e com a educação escolar em particular. Senão, vejamos: o antropólogo e pensador Darcy Ribeiro (1922-1997) já dizia, nos idos da década de 70, que o Brasil padecia de uma doença crônica que era a tendência a copiar e a imitar os modelos, primeiro de além-mar e, depois, norte-americanos, ao invés de criar, de inventar as próprias alternativas para os seus problemas e dificuldades.

Se dermos um salto de quatro décadas, veremos que outro pensador, e esse um educador de ofício, Mario Sergio Cortella, tem reafirmado, em suas palestras e livros, que o grande problema da educação escolar brasileira não é de crise, mas, sim, do modelo ou modelos de educação escolar que temos adotado. Nossos modelos educacionais têm esquecido algo elementar: as crianças reais do país real em que vivemos: o Brasil. Um país onde cerca de 80% das crianças de periferia, que cursam o segundo ano do Ensino Fundamental, têm mais escolaridade que os pais. Isso não é crise. Isso é modelo falido desde sempre. Pergunto: será que não temos teorias demais, pedagogias demais, investigações demais, psicologias demais sobre educação escolar e, infelizmente, atitudes de menos?

SISTEMA DE COTAS PARA NEGROS AMPLIA DEBATE SOBRE RACISMO

O sistema de cotas para negros nas universidades, adotado pela primeira vez na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 2001, ainda gera polêmica e divide opiniões. Há vários argumentos contra e a favor, todos bastante sensatos. Nem mesmo o governo brasileiro parece saber que posição tomar e demonstra ambiguidade sobre a questão. Tanta incerteza, no entanto, tem um ponto positivo: a reserva de vagas gera um debate importante sobre o racismo no Brasil, um país onde o preconceito existe, ainda que de forma velada.

A primeira instituição federal de ensino superior a implementar o sistema de cotas foi a Universidade de Brasília (UnB), que aprovou em junho deste ano um plano de metas para integração racial e étnica. O projeto, que entrará em vigor em 2004, prevê a reserva de vagas para negros e, num percentual menor, índios, durante dez anos.

Um dos autores da proposta da UnB, o professor José Jorge de Carvalho, do Departamento de Antropologia, acredita que o sistema de cotas é a única forma de se resolver o problema da exclusão racial no curto prazo. O preconceito, segundo ele, está presente nas salas de aula. Carvalho passou a defender as cotas depois de testemunhar o caso de um aluno negro prejudicado por um professor, aparentemente por motivos raciais.

"Há poucos negros na universidade e isso dificulta que eles se unam para lutar por seus direitos. É preciso mudar o tipo de relação que existe na academia. E isso só vai acontecer quando houver vários negros lá dentro", afirma Carvalho.

Os dados apresentados pelo professor mostram que a exclusão é perversa: 97% dos atuais universitários brasileiros são brancos, contra 2% de negros e 1% de amarelos. O desequilíbrio, num país em que 45% da população é negra, deixa claro que são necessárias medidas urgentes para inserção do negro no ensino superior. Mas a solução das cotas, a única de caráter prático apresentada até o momento, está longe de ser uma unanimidade.

Cisão racial

Alguns argumentam que a ideia de raça deve ser abolida, por estimular a divisão do país em grupos étnicos. A cisão racial seria um passo em direção ao conflito. "Desde o Modernismo, nossa sociedade se vê como misturada. A introdução do sistema de cotas rompe com esse ideário e produz uma sociedade que tem a obrigação legal de se classificar como 'branca ou negra'. Em outros países, políticas que reforçaram a condição racial geraram conflitos inimagináveis, como em Ruanda, Kosovo e África do Sul", alerta Yvonne Maggie, professora titular de antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Para Carvalho, no entanto, a adoção de cotas apenas revela um preconceito que já é real. "Pode explicitar o racismo, que é latente, mas não gerar um preconceito maior que o já existente. Os negros estiveram fora do sistema apesar da mestiçagem, que não garantiu a eles o acesso ao ensino superior. Geneticamente não há raças, mas socialmente elas existem: a discriminação é pela cor da pele. A intervenção no sistema deve ser racial. Sem as cotas, os negros continuarão fora do sistema.", ressalta.

Mas segundo Yvonne, historicamente, a maioria das entidades de defesa dos negros tentou combater o preconceito sem usar a ideia de raça como referência ou exigir qualquer tipo de favorecimento. Ela cita o exemplo do movimento radicado na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, conhecido como Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), que além de preparar jovens para ingressarem na universidade, procura dar noções de direitos sociais e cidadania.

"No PVNC, negros e pobres (brancos ou não) concorriam em igualdade de condições. Os mentores do movimento eram contra qualquer tipo de ajuda financeira ou cotas. Eles não queriam modificar o sistema, mas sim preparar esses alunos para ingressar nele. As cotas eram consideradas por muitos como favor e eles queriam concorrer em pé de igualdade. Esta era a primeira versão do movimento, que inverteu o seu paradigma e hoje quer que os negros tenham cotas, ou seja, privilégio", explica a antropóloga.

Por esse motivo, Yvonne defende políticas de inclusão com base na situação econômica do aluno. A lei estadual que introduziu as cotas, prevendo 40% de vagas para negros e pardos, nas universidades do Rio de Janeiro, no ano passado, foi modificada. Se antes negros e pardos tinham o privilégio, independentemente de sua posição social, agora só negros carentes têm direito às cotas. Para o vestibular de 2004, estão previstas 20% das vagas para estudantes da rede pública de ensino, 20% para candidatos negros e 5% para portadores de deficiências físicas e integrantes de minorias étnicas, todos comprovadamente carentes.

Princípio de igualdade

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) revelam que dos 22 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha de pobreza, 70% são negros; entre os 53 milhões de pobres do país, 63% são negros. A política de cotas aplicada a carentes beneficiaria principalmente a população negra. Esta é a opinião de Demétrio Magnoli, doutor em geografia humana, para quem a reserva de vagas para negros seria contrária à democracia. "As cotas são uma solução simplista, que rompe com o princípio republicano básico de igualdade entre os cidadãos. Os negros não têm acesso ao ensino superior porque, na maioria dos casos, são pobres e passaram anos estudando em escolas públicas arruinadas. Em vez de cotas, o Estado deveria aumentar os investimentos no ensino público. Em poucos anos, os negros passariam a ocupar as melhores vagas nas universidades", acredita Magnoli.

O jurista Ives Gandra vai além. Segundo ele, o sistema de cotas é inconstitucional, porque fere o princípio fundamental de igualdade entre os cidadãos: "É uma discriminação às avessas, em que o branco não tem direito a uma vaga mesmo se sua pontuação for maior. Reconheço que o preconceito existe, mas a política afirmativa não deve ser feita no ensino superior, e sim no de base".

É justamente no ensino público que reside uma outra crítica à reserva de vagas. Ao adotar a medida, que não gera custos para os cofres públicos, o governo pode deixar para segundo plano o problema da educação. Segundo Magnoli, as cotas produzem um efeito estatístico positivo, ao aumentar o número de negros nas universidades, mas não acabam com a exclusão.

"Colocar um punhado de negros nas universidades por meio de cotas não resolve o problema social. Beneficia apenas aqueles indivíduos que entram. A mim, me espanta que pessoas de esquerda defendam as cotas. O pensamento esquerdista se baseia na idéia da universalidade de direitos. Só o pensamento ultraliberal não vê os indivíduos como um conjunto de cidadãos, mas sim de consumidores. No interior desse conceito é que surge a idéia de políticas compensatórias, para corrigir desvios de mercado", critica Magnoli.

Medida emergencial

Os defensores das cotas concordam que o sistema não é uma solução definitiva. A maioria dos programas é temporária, como uma medida emergencial. Mas se essa política não é ideal, poucas são as alternativas viáveis e de resultados imediatos apresentadas até o momento. O

investimento do governo no ensino básico, por exemplo, depende de fatores políticos de difícil previsão e só terá efeitos no longo prazo.

Para o professor Antonio Sérgio Guimarães, do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP) e coordenador do programa de pesquisa, ensino e extensão em relações étnicas e raciais, o fundamental é não adiar a solução do problema. "As cotas foram, até agora, o único mecanismo encontrado por algumas universidades brasileiras para resolver o difícil acesso de negros e pobres às universidades públicas. É uma iniciativa corajosa e só dentro de alguns anos poderemos avaliar se realmente cumpre a sua finalidade. As piores opções são não fazer nada ou querer nos fazer crer que está tudo bem, ou que as cotas representam um grande perigo para a cultura brasileira, para as relações raciais no Brasil, para o futuro da humanidade. O que realmente não gosto é do conservadorismo travestido de humanismo. Se existem meios melhores que as cotas para aumentar o acesso de negros à universidade pública, que se adotem esses meios, que se façam programas sérios e eficientes, sem transferir o problema para outra esfera ou outra geração", avalia Guimarães.

Outra crítica ao sistema de cotas diz respeito à identificação dos candidatos às vagas reservadas. Até o momento, as universidades adotaram como critério a auto-declaração. A solução gerou controvérsias, depois que alguns candidatos brancos classificaram-se como negros para obter o benefício das cotas.

"Obviamente, qualquer critério pode ser burlado. Se as pessoas acham que nossa especificidade é sermos trapaceiros e que nenhuma política social pode funcionar entre nós, estaremos então fadados à lei de mercado mais selvagem", rebate Guimarães.

Debate

O governo vem agindo com cautela. O ministro da Educação, Cristovam Buarque, reconhece que o sistema de cotas não é ideal, mas apóia a medida até que o ensino público tenha condições de preparar melhor os estudantes. Buarque tenta estimular a reserva de vagas para negros, mas não quer impor a medida por leis, o que poderia ser interpretado como interferência na autonomia das universidades.

"A política de cotas não é uma novidade, já foi adotada para defender mulheres na política, por exemplo, e ninguém a considerou atrasada. Quando é para o negro, surge a discussão. Nós, do movimento negro, não desejamos ferir a autonomia das universidades. Mas há uma demanda, poucos negros estão no ensino superior", declara o deputado federal Gilmar Machado (PT-MG), um dos coordenadores da bancada de negros na Câmara dos Deputados.

Em julho deste ano, o Ministério da Educação lançou o edital do programa Diversidade na Universidade, que promete repassar recursos de até US\$ 100 mil para instituições que mantenham projetos educativos para grupos socialmente desfavorecidos. As concorrentes devem ter pelo menos 51% de afro-descendentes e/ou indígenas e repassar entre 40% e 50% do valor para os estudantes, sob a forma de bolsas.

Esse tipo de ajuda financeira deveria ser avaliado pelos programas de cotas, porque pode decidir a permanência de alunos beneficiados nas faculdades. Como a maioria da população negra é pobre, é de se esperar que boa parte desses estudantes tenham dificuldades em se manter nas universidades, mesmo que públicas. Além das despesas de transporte e alimentação, há os custos de materiais didáticos. Em algumas áreas, como a saúde, o preço de um livro pode superar um salário mínimo. Sem as bolsas de apoio, o sistema pode redundar em vagas ociosas.

"O aluno que já é carente, na universidade terá ainda mais gastos. Como ele vai fazer para se manter? Temos que pagar passagem, alimentação, fotocópias. Já pensei em trancar o curso no próximo semestre, para poder trabalhar um turno a mais. Só não fiz isso porque me aconselharam a não desistir, pois seria difícil voltar depois", relata a aluna de pedagogia Sueli das Neves, que trabalha como operadora de telemarketing e entrou na Uerj pelo sistema de cotas no início do ano.

Em meio a tantos argumentos, a estudante Marisa Santana, da graduação em ciências sociais da UFRJ, sente-se dividida. Ex-aluna e ex-professora do PVNC, ela defende a necessidade de um amplo debate sobre o racismo, mais do que um posicionamento da sociedade em relação às cotas.

"Ser contra ou a favor limita a discussão. O importante é pensar sobre o racismo. Eu mesma fico dividida: como ativista do movimento negro, sou totalmente a favor das cotas; como cientista social, sou contra. Quando se toma um critério racial como base para a definição das cotas, fomenta-se o preconceito. Já ouvi coisas terríveis, como 'negro é tão inferior que precisa de cotas'. Acho que as cotas deveriam ser focalizadas em pobres, não em negros, como fez a Uerj. Antes da mudança, muitos dos que entraram eram negros que tiveram uma boa educação. Isso não é revolução nenhuma, talvez eles tivessem entrado de qualquer forma", diz a estudante.

Disponível: <http://www.comciencia.br/reportagens/negros/06.shtml>

FANTASIAS RACIALISTAS

Atila Roque - historiador, membro do colegiado de gestão do instituto de estudos socioeconômicos.

O debate sobre a adoção de cotas para estudantes negros nos vestibulares para universidades públicas tem sofrido com argumentos falaciosos difundidos *ad nauseam* pelos que se opõem à adoção dessas políticas. Com isso estamos correndo o risco de perder a oportunidade de realizar uma discussão realmente necessária sobre a eficácia das políticas afirmativas para a promoção da igualdade e da justiça social em uma sociedade historicamente marcada pelo racismo.

Um desses argumentos produz a mais perversa das inversões que é a acusação de racistas ou de promotores do ódio racial lançada sobre os defensores das ações afirmativas. Como se o racismo precisasse ser inventado no Brasil.

O que as políticas de cotas fazem é simplesmente reconhecer, com base em pesquisas acadêmicas e séries estatísticas produzidas ao longo das últimas décadas, que o racismo é um fator importante na trajetória de vida e na redução do leque de oportunidades disponíveis às populações de pele mais escura. Uma população que na linguagem do IBGE recebe a denominação de parda ou preta e que na vida cotidiana das pessoas assumem denominações mais diversificadas e nem sempre muito gentis: escurinhos, morenos, sararás, neguinhas. Homens e mulheres que sofrem em graus variados com os preconceitos de uma sociedade que se desejou por muito tempo europeia, e não africana, e que elegeu a pele clara — e as características físicas a ela associadas, como os cabelos lisos (e sempre que possível louros), traços faciais “finos” —, como sinais de beleza e inteligência.

Tentar carimbar isso de “racialização” da sociedade brasileira é um exagero que se presta à exibição narcísica de saberes acadêmicos, mas que nada tem a ver com o mundo da vida. Os eventuais equívocos e erros cometidos na implementação das cotas, poucos se comparados a outras políticas sociais focalizadas, merecem ser discutidos no marco de metodologias que avaliam eficácia e eficiência das políticas públicas.

Da mesma forma, reduzir tudo ao problema da pobreza, opondo cotas às políticas supostamente universais, é negar as consequências psicológicas e sociais do racismo, produzindo um falso dilema. As cotas não se opõem à valorização da escola pública ou à necessidade de investir em políticas sociais de caráter universal. Mas propõem uma aceleração do acesso de estudantes negros à educação superior. Elas representam um atalho legítimo para a constituição no curto prazo de uma elite composta de pardos, pretos, cafuzos, morenos ou qualquer definição que se queira dar a essa população de pele escura que se

confronta cotidianamente com o preconceito da sociedade. O Brasil precisa de médicos, advogados e, especialmente, professores universitários negros.

As políticas que apenas começam a ser implementadas nas universidades brasileiras adotam modelos diversos, combinam cotas sociais e raciais, e promovem a diversidade em um ambiente universitário em que pretos e pardos estiveram quase sempre ausentes. Cerca de metade das experiências vigentes em universidades públicas, segundo avaliação recente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), adotam cotas raciais e sociais sobrepostas, operando, assim, com dois critérios complementares que devem ser observados simultaneamente para o preenchimento das vagas destinadas aos negros.

Finalmente, a acusação de que os defensores de cotas são teleguiados ou inocentes úteis de fundações internacionais e plagiadores da experiência supostamente fracassada dos EUA causa assombro por ignorar deliberadamente a longa trajetória de luta dos movimentos negros no Brasil, além de apresentar uma narrativa descontextualizada do debate norte-americano. Desde os anos 1930, grupos dos movimentos negros brasileiros apontavam para a necessidade de políticas públicas que garantissem o acesso da população negra à educação e, mais recentemente, no início dos anos 1980, os cursinhos pré-vestibulares para negros e carentes passaram a sublinhar o direito à educação superior. É surpreendente ver intelectuais e acadêmicos tão ilustres subscrevendo visões tão distorcidas.

As políticas de cotas apenas agora começam a ser avaliadas e os primeiros resultados desmentem largamente as críticas que continuam a ser repetidas sem qualquer amparo em dados. Não baixaram a qualidade da universidade, não colocaram “pobre-contrapobre”, não beneficiaram apenas uma “elite de classe média negra”. Ao contrário, contribuíram para renovar o debate sobre o lugar da educação superior na conquista da cidadania plena e o papel das universidades públicas.

Essa experiência exemplar não deve ser interrompida em nome de fantasias racialistas despropositadas ou, em alguns casos, da defesa de privilégios de grupos que sempre resistiram à incorporação dos negros à vida republicana.

Retirado de: <http://www.inesc.org.br/biblioteca/textos/sistema-de-cotas>

CONTRA AS COTAS RACIAIS - UMA POLÍTICA INFUNDADA

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes (...)

Assim começa o quinto artigo da Constituição Federal Brasileira, a lei máxima do país que nenhuma outra lei pode contradizer ou sobrepor. Infelizmente, ao contrário do que foi disposto, estão institucionalizando a desigualdade no Brasil. Agora, negros e brancos possuem direitos diferentes, como é o caso da cota de negros nas faculdades. Perante a lei, então, não somos todos iguais. A cota para negros pode até resolver efetivamente um problema de exclusão social, mas da maneira errada.

Primeiramente, para o governo brasileiro, pardos e negros são a mesma coisa. Usaremos a mesma definição aqui. Neste caso, segundo o IBGE, em 2009 os negros compõem 50,6% da população, enquanto brancos ficam com 48,4%. Os brancos são a minoria, portanto. E os índices variam muito. Enquanto em São Paulo 64% da população é branca, na Bahia quase 63% dela é negra.

De qualquer forma, num geral, os negros são mais pobres por questões que são de conhecimento comum. Descendentes de escravos que só obtiveram sua liberdade há pouco mais de cem anos, os negros foram relegados a trabalhos de baixa qualificação e remuneração. A ascensão destes para melhores condições de estudo e, assim sendo, de trabalho é dificultada por um governo que negligencia a educação. Ainda assim, muitos negros conquistaram situações econômicas boas o suficiente para serem incluídos naquela pequena elite de ricos deste país. Na contramão, muitos brancos descendentes de europeus se viram abaixo da linha da pobreza, numa condição social onde a escalada para uma melhor condição de vida é muito difícil.

Para termos uma ideia, segundo dados do PNUD, no Norte, os negros são 78,8% dos pobres, e os brancos, 21%. Já na região Sul, 73,6% dos pobres são brancos e 25,9% negros. É com base nisso que podemos dizer que a cota para negros não funciona nem no princípio e nem na prática. Imagine uma pessoa pobre perdendo a vaga para um rico abastado pelo fato deste último ser negro. Este cenário por si só já é improvável, uma vez que o pobre dificilmente chegará em condições de igualdade educacional com um rico. Ainda assim, pode

acontecer e, assim sendo, a injustiça estará feita. Afinal, qual a culpa de uma pessoa em ter nascido com uma cor ou com outra?

Alguns justificam as cotas dizendo que temos uma “dívida” com os negros, por tudo o que fizemos com eles no passado. Bom, eis o argumento que nos traz as guerras de Israel x Palestina, Índia x Paquistão e as infinitas guerras civis africanas: lutar em nome de uma antiga dívida não paga seja ela de ordem moral ou mesmo financeira. Porque, então, não cobramos de Portugal todo o ouro e recursos minerais que eles extraíram daqui? Aliás, porque não culpá-los de vez pela situação dos negros de hoje, já que foram eles os colonizadores escravistas? Não culpamos porque não adianta. Morreu aquela sociedade que via no negro um escravo, embora haja resquícios deste racismo ainda hoje. Os brancos não têm culpa de nascerem brancos e serem forçados a pagar a culpa que seus antepassados têm para com os negros. Os mortos já não podem nem se defender e nem se desculpar. Se um branco de hoje nada tem a ver com as atitudes daquele de outrora, então por que (ou por quem) estamos pagando as dívidas de um passado do qual estamos moralmente desconectados?

Retirado de: <http://www.umavisaodomundo.com/2010/03/contra-cotas-raciais-politica.html>

INCLUSÃO E COTAS RACIAIS E SOCIAIS

Matilde Ribeiro

Os caminhos trilhados pelo Brasil em direção à equidade ganharam reforço inédito do governo federal nos últimos três anos com a adoção de políticas de inclusão, cujos efeitos são determinantes para diminuir as desigualdades sociais no país.

Com essa perspectiva, o desenvolvimento de cotas sociais e raciais já contribui decisivamente para que o crescimento econômico sustentável resulte em ampliação do acesso aos serviços sociais e ao mercado de trabalho de segmentos populacionais empobrecidos e historicamente discriminados em nosso país.

A criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (Seppir), em 21 março de 2003, incrementou essas iniciativas e possibilitou sua ramificação em várias áreas, com efeitos práticos visíveis na sociedade brasileira.

Na educação, o Prouni (Programa Universidades para Todos) oferece 203 mil bolsas de estudo para que alunos oriundos de escolas públicas possam estudar em instituições privadas – entre eles, 63 mil negros e indígenas.

Somadas a ele, 30 Universidades públicas já adotam o sistema de reserva de vagas para negros e indígenas. E a implantação da lei nº 10.639, que torna obrigatório o ensino de história afro-brasileira nas escolas, ajuda a valorizar a contribuição dos imigrantes africanos e seus descendentes à cultura e à economia brasileiras.

Um orçamento da ordem de R\$ 2 milhões anuais está designado no Plano Plurianual (PPA 2004-2007) para a implantação da Política Nacional de Saúde da População Negra. Em dezembro de 2004, foi lançado o "Projeto Afroatitude", que, em 2005 e 2006, concedeu bolsas de iniciação científica para pesquisas sobre Aids e saúde da população negra a 1.050 estudantes cotistas negros em 11 Universidades públicas.

O Plano Setorial de Qualificação de Trabalhadores Domésticos, do Ministério do Trabalho e Emprego, é uma ação que atende demandas específicas desses profissionais, como elevação de escolaridade no ensino fundamental, ampliação da proteção social e fortalecimento da representação e melhoria das condições de trabalho. É um exemplo de ação afirmativa, pois a categoria agrega cerca de 6 milhões de brasileiros, dos quais 96% são mulheres – 57% delas são negras.

Entre as iniciativas que consolidam o Brasil como nação comprometida com a superação das desigualdades raciais está o projeto de lei nº 73/99, que estabelece reserva de vagas nas Universidades públicas para alunos de escolas públicas, considerando a porcentagem de negros e indígenas nas unidades da Federação.

E também o Estatuto da Igualdade Racial. Fruto de um processo de debates entre políticos, pesquisadores e, sobretudo, representantes do poder público e do movimento negro, o estatuto é um projeto amplo, de orientação no sentido de que todas as políticas de desenvolvimento econômico e social devem conter a dimensão de superação das desigualdades raciais. O texto apresentado em 1988 foi revisto no relatório de 2002, analisado e acompanhado durante dois anos por um grupo de trabalho interministerial, composto por vários órgãos do governo e coordenado pela Seppir e pela Casa Civil. Posteriormente, em novembro de 2005, o resultado desse trabalho foi aprovado no Senado.

Em seus capítulos, são dispostos temas como pesquisa, formas de prevenção e combate de doenças prevalentes na população negra, direito à liberdade religiosa e de culto, especialmente no que diz respeito às religiões afro-brasileiras, reconhecimento e titulação das terras remanescentes de quilombos e inclusão no mercado de trabalho por meio de contratação preferencial de profissionais negros na administração pública, entre outros itens.

Não se resume, portanto, ao sistema de cotas em Universidades. O projeto de lei nº 73/99 e o Estatuto da Igualdade Racial possuem o mérito de combinar

critérios raciais e sociais e não divergem das ações afirmativas em curso no Brasil. Ao contrário, elevam essas ações ao patamar de políticas de estado, o que garante sua perenidade, e constituem uma orientação necessária para que as políticas universalistas contemplem também os grupos discriminados.

(Folha de SP, 20/8)

Fonte: <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalle.jsp?id=40066>

COTAS RACIAIS...

A ciência já comprovou,
todos nós somos de uma só raça.
A raça humana que nos adotou...
Só o preconceito é quem nos afasta.

O pensamento de “raça” é algo nebuloso
que com as ações afirmativas
e junto da exclusão, fica perigoso...
E as sociedades, restritivas.

Por onde anda os princípios universais,
de uma sociedade igualitária e justa?
Sem uma lógica razoável, ademais,
só se conquista a igualdade com a luta!

Por onde anda a democracia,
que ao mundo vivemos pregando?
Entre nós, só reina a hipocrisia
que vive a igualdade sufocando.

Somos iguais perante as leis,
ninguém tem que libertar ninguém!
Que o Brasil é miscigenado, eu sei...
Então, por que ainda temos esse porém?

Diga NÃO! Para a violência.

E SIM! Para a IGUALDADE.
Revendo a nossa história,
por que a cota racial é uma realidade...

apenas para negro, o índio
e os filhos da miscigenação?
Como o caboclo, o cafuzo,
mulatos e outros irmãos.

Somos filhos de um livre BRASIL...
Para todos nós, a Terra é sem fronteiras.
Em nada pode ter a exclusão viril...
Só a arrogância produz essas podriqueiras.

O Estado está fechado para o povo
desde os primeiros tempos da escravidão.
O Estado, então, não produziu nada de novo
que viesse a estimular a socialização.

Esta ação negativa está gerando,
cada vez mais nos ricos a deslealdade.
E a ganância cada vez mais negando...
Para os pobres a acessibilidade.

O Estado deve assumir o seu papel
e buscar das mãos dos gananciosos o ensino.

Só assim teremos um pobre bacharel...
E em todas as escolas, os nossos meninos.

O Estado transferiu para o cidadão
os discursos de resolução de um bom ensino.

Enquanto isso, um antro na corrupção...
Segura a nação e o nosso destino.

Nós pagamos o Estado para nos proteger
e dar-nos princípios básicos como a educação.

Por isso vale a pena atenção ao escolher...

Nunca alguém de consciência saindo pelo
ladrão.

Jozeddonato

Leia

mais: <http://jozeddonato.webnode.com.br/news/cotas-raciais/>

<http://jozeddonato.webnode.com.br/news/cotas-raciais/>

ENTREVISTA COM O ATOR SÉRGIO LAURENTINO, O EXÚ DO FILME "BESOURO"

Ofensiva Negritude - Como você decidiu ser ator? Fale um pouco sobre o início da sua carreira.

Sérgio Laurentino - Aos 16 anos, no centro espirita que frequentava. Depois fui componente da *Legião Artística Enigma do Duque de Caxias* e do *Bando de Teatro Olodum*, em que estou até hoje. 10 anos lá.

ON - Em algum momento você sentiu que ser negro prejudicou dificultou ou impediu que conseguisse determinados papéis?

SL - O problema do Brasil não é os atores e sim os personagens. É por isso que estou no *Bando*, para a mudança desta dramaturgia. O problema que ocorre aqui para todos os atores negros é falta de personagem negros.

ON - Besouro levou ao cinema quase 500 mil pessoas, esse público alcançou as expectativas?

SL - Sim. No Brasil o Besouro é um projeto mundial. Veja que em dezembro ele estava sendo exibido em Cuba. Ainda a meta era alcançar 1 milhão de espectadores em todo o mundo.

ON - Como foi para você, adepto de uma religião afro, interpretar Exu? E especificamente qual é a sua religião?

SL - De suma importância para a mudança estética e religiosa deste país. Sou do Candomblé.

ON - É verdade que você não lutava capoeira? Após as gravações continuou praticando?

SL - Sim. Hoje em dia estou parado, muito trabalho. Mas virei fã da Capoeira, do seu comportamento estético. É lindo estar na roda.

ON - As portas já começaram a se abrir após o filme Besouro? Pretende fazer algum trabalho na televisão?

SL - Sempre pretendo trabalhar. O que falta é trabalho. Depois do Exú fica difícil fazer qualquer coisa. Tem que fazer algo da mesma importância.

ON - Qual a importância da África na construção da sua identidade negra?

SL - Acho que o que nos move é o pensamento no culto aos ancestrais. Se não fosse isso certamente seria mais um por aí tentando mostrar que sou bom no que faço e fazendo qualquer coisa. Tenho algumas propostas de trabalho baseadas no que sou : afrobrasileiro. Então a África é sem dúvida importante na minha construção.

ON - As mulheres negras na escala do racismo sofrem mais que os homens negros, para você só se relacionar com negras é uma forma de valorizá-las e autovalorizar-se? Como você avalia os relacionamentos interracialis?

SL - O que conta é o amor sempre e não acreditar nesta radicalidade; é ostentar a não existência do espírito ou ancestralidade. Antes de mim existiram negras e negros que se relacionaram com outras raças e sem esquecer que dentro deste país teve uma mistura de muitas etnias de nossa raça. Então fica difícil ostentar este pensamento. É claro que prefiro estar com negras, mas o amor é sempre inesperado.

ON - Você tem algum grande ídolo negro? Quem é? Qual o motivo de sua admiração?

SL - Grande Otelo, porque era completo: dançava, cantava e atuava como ninguém.

ON - Você considera possível que num futuro próximo o Brasil crie um filão de produções artísticas produzido e voltado para o povo negro assim como existe nos EUA? Você participaria de uma iniciativa dessa natureza?

SL - É o que estou em busca agora, o crescimento deste pensamento. Aguarde supresas.

ON - Como você vê a situação dos afro-brasileiros atualmente?

SL - Houve mudanças. O racismo hoje é mais sutil. Mas não se enganem. Ele está por aí. No dia que você desembarcar em Salvador e ver 80% dos outdoors com negros nós estaremos a 60% do fim do ridículo.

ON - Você é contra ou a favor das cotas nas universidades?

SL - Sou a favor da totalidade negra na faculdade. Mas é claro que as cotas são um bom começo.

Disponível em: <http://ofensivanegritude.blogspot.com/2011/02/entrevista-com-o-ator-sergio-laurentino.html>

ENTREVISTA COM A ATRIZ TAÍS ARAÚJO

Grávida do primeiro filho e às vésperas de estrear 'Amores, Perdas e meus Vestidos' no Rio, a atriz fala de trabalho, de racismo e que adora ser mulher

"Os homens se assustaram com a mulher independente e competitiva e nós, mulheres, paramos para pensar que não queremos ser homens, e sim, mulheres com todos os nossos desejos e anseios profissionais. Mas queremos ter nossos filhos, nossos maridos, cuidar das nossas casas, assim como nossas mães e avós faziam"

Taís Araújo encerrou o ano de 2010 com alguns dias de descanso em Salvador, cidade natal do marido, o ator Lázaro Ramos. Por lá, o casal festejou com a família e amigos a recém-anunciada gravidez da atriz, que a fará desligar-se do elenco da novela *Cordel Encantado*, próxima novela das seis da TV Globo.

A gestação, contudo, não será de descanso. Ao contrário, neste início de 2011, o ritmo de trabalho é intenso. Taís se prepara para estreiar nesta sexta, no Rio de Janeiro, a peça *Amores, Perdas e meus Vestidos* -sucesso off-Broadway de Norah Ephron, a roteirista de *Harry and Sally*, *Feitos um para o Outro*, sucesso do final dos anos 1980, e outras comédias românticas, como *Sintonia do Amor* e *Mensagem para Você*. O texto foi adaptado por Adriana Falcão, e se apropria de histórias reais de mulheres, em relatos que surgem a partir das lembranças que elas têm de suas roupas. A versão brasileira ainda tem no elenco as atrizes Arlete Sales, Carolina Ferraz e Ivone Hoffman.

Taís, que raramente faz teatro, está animada com o projeto. Assistiu ao espetáculo em junho, em Nova York, e empolgou-se. “Saí do teatro com a sensação de que era exatamente sobre isso que eu queria falar. Tentar passar para as pessoas como é bom ser mulher.” Nesta entrevista ao site de VEJA, a atriz fala da peça, de sua experiência como a Helena de *Viver a Vida* - quando recebeu muitas críticas -, de preconceito racial e da esperança de que seu filho cresça em um mundo mais equilibrado e justo.

Você faz o estilo 'mulherzinha'?

Muito! Tenho síndrome de princesa. Adoro vestidos, saltos, bolsas, joias. Sou muito mulherzinha, mas também sou bem ‘machinho’ quando é preciso.

Qual é a diferença entre *Amores, Perdas e meus Vestidos* e tantas outras peças que exploram o universo feminino?

Marilyn Monroe disse uma vez: "Sou mulher e gosto disso". Esse é o espírito do espetáculo. Somos mulheres e gostamos disso. A reação da plateia durante a turnê brasileira comprovou uma expectativa nossa: as mulheres se identificam e os homens saem de lá com uma compreensão maior sobre as suas companheiras

Que situações da peça você considera particularmente comoventes ou engraçadas?

Tem uma mulher (interpretada pela Arlete Salles) que odeia bolsa e conta, de uma maneira hilária, toda a sua jornada para encontrar a bolsa ideal. A mais comovente (também

interpretada pela Arlete) é a de uma mulher que conta como conseguiu lidar com um câncer de mama aos 27 anos. Nesse caso, ela fala como passou a se relacionar com o sutiã após a cirurgia de reconstrução. É uma história real, sobre um drama real, mas contada com leveza e otimismo.

Você foi muito criticada como protagonista da novela *Viver a Vida*. Como avalia essa experiência?

Eu não tenho dúvida de que *Viver a Vida* foi a novela em que eu mais aprendi. Nunca tinha lido com críticas e foi um grande e importante aprendizado. Pode-se dizer que a Helena do Manoel Carlos é uma personagem clássica da teledramaturgia brasileira e, pra mim, é uma honra fazer parte do seleto grupo de atrizes a quem ele confiou essa personagem.

Na época da novela, comentou-se bastante o fato de haver, enfim, uma Helena negra. Sempre que pode, você fala sobre o racismo no Brasil. Já sofreu algum tipo de preconceito?

Essa pergunta em si já mostra o quanto ainda há preconceito. O fato de ser negra era totalmente irrelevante no caso da Helena. Ela era uma mulher jovem, no auge do sucesso profissional, que abriu mão da carreira em nome do casamento. A questão racial nunca esteve em pauta. Rotulá-la como 'a primeira Helena negra' é em si uma atitude preconceituosa. Eu sofro preconceito. Qualquer negro, neste país, sofre preconceito. Talvez o fato de ser conhecida amenize. Você não vê muitas atrizes negras em capas de revistas, por exemplo. Mas fico feliz e orgulhosa em saber que, de certa forma, contribuo para que essas barreiras sejam quebradas e que o meu filho cresça num mundo menos preconceituoso.

Muito se fala do papel do 'novo homem' para uma 'nova mulher' e vice-versa. Quem são, para você, esses homens e essas mulheres?

Acho que os homens se assustaram com a mulher independente e competitiva. E nós, mulheres, paramos para pensar que não queremos ser homens, e sim mulheres com todos os nossos desejos e anseios profissionais. Mas queremos ter nossos filhos, nossos maridos, cuidar das nossas casas, assim como nossas mães e avós faziam. Acredito que, depois de muito desencontro, vamos encontrar um equilíbrio. Nós - homens e mulheres.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/tais-araujo-tenho-sindrome-de-princesa>

Apêndices

Artigo de Opinião

Uma falsa igualdade

As cotas raciais vêm causando polêmica na sociedade; criando benefícios para uns e prejudicando os outros. As cotas deixam bem claro que não visam para ajudar, mas sim para trazer desigualdade; tirando as oportunidades de pessoas brancas que também precisam e dando prioridade somente às pessoas negras.

As cotas, apesar de levantar muitas opiniões, vêm prejudicando e criando grandes conflitos entre negros e brancos, fazendo com que haja inúmeras comparações entre eles. Um dos pontos discutidos é que alguns justificam as cotas como forma de "divida" para com os negros por tudo que aconteceu no passado; ou seja, pela vida de escravidão, a qual contribuiu para que os negros perdessem seus espaços na sociedade.

Os brancos não têm culpa de nascerem brancos e de pagarem por coisas que aconteceram no passado. Os negros, apesar de possuírem essa oportunidade, não sabem que não são considerados pessoas incapazes, passando a certeza de que se não fosse essa lei eles nunca chegariam a uma faculdade.

Ciente de que as cotas realmente não são uma das soluções pelo preconceito racial, eliminaria essa política de inclusão para que tivesse uma maior chance de igualdade entre negros e brancos.

Entrevista

TURMA: O que você faz?

ENTREVISTADO: Já passei por um bocado de coisa, mas hoje eu profissionalmente trabalho como design gráfico e internet.

TURMA: Quem lhe incentivou a seguir essa Profissão?

ENTREVISTADO: Eu passei por muitas coisas, desde cedo tive contato com arte, com desenho, com teatro... e também comecei na área de TI com o tempo fui vendo que o que mais se aproximava dentro de uma universidade com o que eu já fazia era Comunicação Social e Arte e Mídia. Comunicação eu cursei um ano, e Arte e Mídia estou cursando.

TURMA: O que você pensa sobre as Cotas Raciais nas universidades Federais do Brasil?

ENTREVISTADO: O grande mérito das cotas é o de igualar índios e negros e brancos a princípio, em quantidade. Na minha turma em AM eu sou o único negro de 30 alunos que entraram e as cotas estão aí pra isso, pra inserção, por exemplo, lá quei a 15 e 10 anos entraram 15 negros e 15 brancos. O grande mérito das cotas é isso, mas isso não vai medir inteligência de ninguém, nem

/ /

vai dizer se aquela pessoa vai ter sucesso ou não. Dos 15 que entraram 7 negros podem dar certo e 7 brancos também, agora um negro entrando e 29 brancos, é uma concorrência desleal.

TURMA: Qual sua opinião sobre o racismo? e qual o caminho para superá-lo?

ENTREVISTADO: O racismo aqui no Brasil é ainda mais difícil de combater porque é muito camuflado. Está no jeito de olhar pra você, há uma repulsa, não é aquela coisa: Os negros aí, os brancos aqui. E fica mais difícil ainda o combate por causa disso e isso. A forma de combater é aquela coisa: você ser branco ou ser negro é questão natural, biológica, não quer dizer nada. A questão não é criar de igualdade e criar igualdade e promover acima de tudo o respeito à diferença porque aí não vai acontecer preconceito contra nenhuma diferença.

TURMA: Se você fosse presidente o que você mudaria no País?

ENTREVISTADO: Tem muita coisa pra mudar, mais investimento na saúde, educação. Também tentaria diminuir o índice de violência, criar cursos.

de arte, as coisas de criar expressão. Tem que dar alternativas, como eng's, clubes de cultura afro, pra proporcionar experiências interessantes.

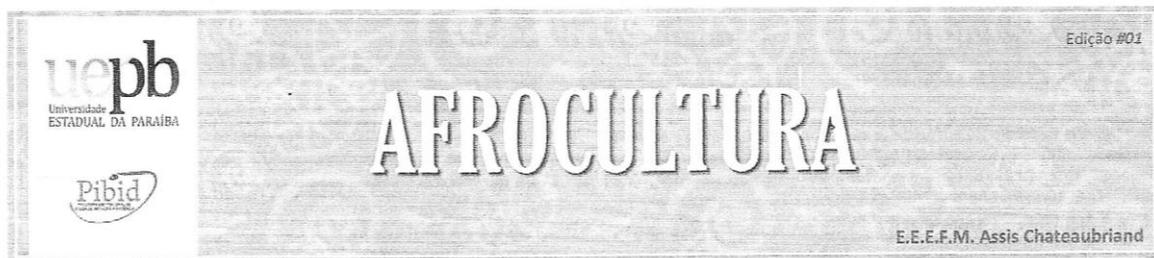
TURMA: Como você entrou na capoeira e o que ela representa na sua vida?

ENTREVISTADO: Quando eu entreei participava do cuca. Afro beitei a moda e entreei. Capoeira é muito interessante, é um esporte, dança, brincadeira, é filosofia de vida. A capoeira é o que você quer dela. É como meu mestre dizia: "a capoeira é uma roda pequena que ensina a viver na roda grande. Muito do que você faz na capoeira você leva pra vida."

TURMA: Como você gostaria de ser lembrado?

ENTREVISTADO: Eu gosto muito quando as pessoas elogiam sua integridade, por tratar as pessoas bem, respeitá-las, ser ético. Enfim, ser lembrado como uma pessoa que ceder atrás, chegou onde queria e continuou respeito as pessoas.

Frente do jornal Afrocultura



Editorial



Um ano se passou e hoje percebemos que muita coisa mudou, não só nos alunos, mas também em nós professores. No início era o medo por carregar a responsabilidade de discutir a temática afro no Brasil, depois passou a ser o desejo de divulgar essa causa e terminou com um orgulho enorme tanto em poder contribuir com a causa, quanto incentivar e despertar os alunos pra coisas até então inimagináveis.

Produzimos propagandas, artigos, lemos peças, poemas e contos, fizemos entrevistas e nos sentimos um pouco jornalistas quando idealizamos e concretizamos o sonho do Afrocultura. Ser professor é isso, acreditar nos seus alunos; ser aluno é isso, é se doar as experiências de aprendizado. Ser cidadão é o que fomos todos nós nesse ano de curso, questionadores, insatisfeitos, batalhadores, pensadores, desafiadores. O curso pode está acabando, mas sabemos que os conhecimentos adquiridos e todo o período que passamos juntos continuarão em cada um, professores e alunos, que se doaram e acreditaram em todos os projetos fazendo com que eles dessem certo.

Por fim, estamos gratos e felizes por todos os momentos que discutimos, questionamos a temática afrodescendente porque temos certeza de que o aprendizado não ficou apenas trancado nos muros da escola, mas ultrapassou barreiras e chegou ao cotidiano de cada pessoa que participou desse sonho/projeto ao longo desse ano. Parabéns a todos!

Os jovens falam

//Cotas, qual a sua opinião?

O sistema de cotas para negros nas universidades foi adotado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 2001, e ainda gera polêmica e divide opiniões.

Há vários argumentos contra e a favor, todos bastante sensatos. Nem o governo sabe qual posição tomar. Tanta incerteza tem um ponto positivo: a reserva de vagas para negros gera um debate importante sobre racismo no Brasil.

A primeira instituição federal de ensino superior a implantar o sistema de cotas foi a Universidade de Brasília.

Há poucos negros nas universidades e isso dificulta que eles se unam para lutar por seus direitos. É preciso mudar o tipo de relação que existe na academia. E isso só vai acontecer quando houver vários negros lá dentro.

Joseilma Oliveira, Aluna do curso literatura e afrodescendência

Negreiros

//SER CONSCIENTE

C onsciência não se compra
O que precisa é saber conquistar
N ão há paz no mundo
S e não soubermos o valor de amar
C omo construir um mundo melhor?
I luminado pela luz do amor
É xito é o que queremos
N este mundo de lutas, de dor.
C onviver com todos na harmonia,
I gualdade, sem preconceitos
A mando uns aos outros, como Deus nos ensinou.
N egro não é defeito, é uma linda cor
E existem muitas inteligências
G ostos, preferências
R esponsabilidades, amor.
A ntes de tudo somos gente:
gente que ama
gente que luta
gente que sofre
gente que sente: alegria e dor.

Maria Dionésia Santos da Silva

//O NEGRO ENCANTO DE CUTI

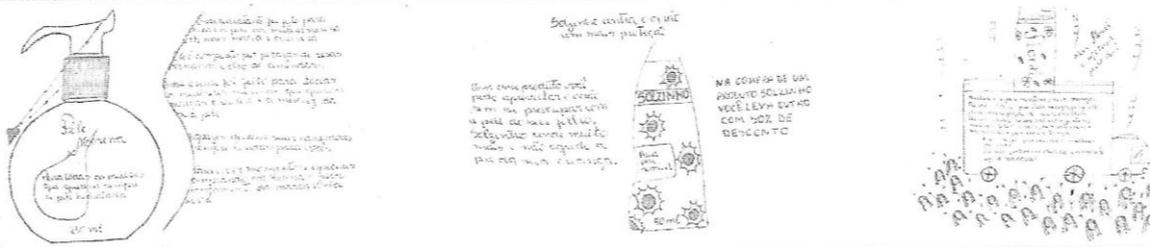
Destacado por ser um dos intelectuais negros contemporâneos, Cuti também é poeta, ficcionista, dramaturgo e ensaísta, nasceu em São Paulo e formou-se em letras pela USP. Mesmo se destacando como um intelectual, tomou um lugar importantíssimo na literatura afro-brasileira, e no nosso curso não foi diferente. Cuti e seus textos estiveram presentes desde o início do projeto, fosse nos contos, na poesia, ou até mesmo em entrevista.

Através do curso literatura e afrodescendência nós fomos privilegiados por ter a chance de conhecer a literatura afro-brasileira, e também o papel que Cuti desempenha nessa área, trabalhamos seus poemas e contos e durante as interpretações fomos além do que os nossos olhos podiam ver e nossos lábios podiam ler, ele se tornou um grande exemplo de que para chegar onde se quer não importa raça ou cor, mas sim o pensamento de não desistir.

Daisy Barros

Aluna do curso literatura e afrodescendência

//PROPAGANDAS



Nós perguntamos e eles respondem

Joelmir Oliveira, bacharelado em Arte e Mídia, pela Universidade Federal de Campina Grande, foi coordenador do projeto *Arte Local*, financiado pelo Ministério da Cultura. É profissional independente em design gráfico e internet. Foi professor de *Desenho e Animação* numa escola pública do bairro do Pedregal através de um projeto de extensão vinculado a UFCG. Foi membro de diretoria de comunicação do Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA). E fez parte da Escola de Capoeira Afro Nagô.

O que você faz?

Hoje profissionalmente trabalho com design gráfico e internet.

Quem lhe incentivou a seguir essa profissão?

Desde cedo tive contato com arte, com desenho... E também comecei na área. Com o tempo fui vendo que o que mais se aproximava dentro de universidade com o que eu já fazia era Comunicação Social e Arte e Mídia. Comunicação eu cursei um ano, e Arte e Mídia estou cursando.

O que você pensa sobre as cotas raciais nas universidades federais do Brasil?

Acho que o grande mérito das cotas é o de igualar índios e negros e brancos a princípio, em quantidade. Na minha turma em AM eu sou o único negro de 30 alunos que entraram e as cotas estão aí pra isso, pra inserção, por exemplo, daqui a 15 ou 10 anos entrarem 15 negros e 15 brancos. O grande mérito das cotas é isso, mas isso não vai medir inteligência de ninguém, nem vai dizer se aquela pessoa vai ter sucesso ou não. Dos 15 que entrarem 7 negros podem dar certo e 7 brancos também, agora um negro entrando e 29 brancos, é uma concorrência desleal.

Qual sua opinião sobre o racismo? E qual o caminho para superá-lo?

O racismo aqui no Brasil é ainda mais difícil de combater porque é muito camuflado. Está no jeito de olharem pra você, há uma repulsa, não é aquela coisa: os negros aí, os brancos aqui. E fica mais difícil ainda o combate por causa disso. A forma de combater é aquela coisa: você ser branco ou ser negro é questão natural, biológica, não quer dizer nada. *A questão não é criar níveis de igualdade é criar igualdade de direito, e promover acima de tudo o respeito à diferença* porque aí não vai acontecer preconceito contra nenhuma diferença.

Se você fosse presidente o que você mudaria no país?

Tem muita coisa pra mudar, mais investimento na saúde, educação. Também tentaria diminuir o índice de violência, criaria cursos de capacitação, de cultura, de arte, ao invés de gerar repressão. Tem que dar alternativas, como ong's, clubes de cultura afro, para proporcionar experiências interessantes.

Como você entrou na capoeira e o que ela representa na sua vida?

Quando eu entrei participava do cuca que estava ligado ao grupo, Aproveitei e entrei. A Capoeira é muito interessante, é esporte, dança, luta, brincadeira, filosofia de vida. A capoeira é momento, é o que você faz dela. Como meu instrutor dizia: a capoeira é uma roda pequena que ensina a viver nessa roda grande que é a vida. *Muito do que você faz na capoeira você leva pra vida.*

Como você gostaria de ser lembrado?

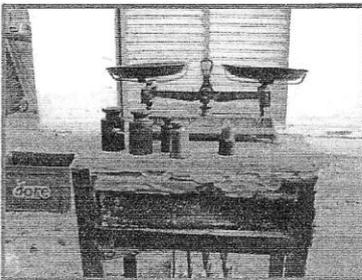
Eu gosto muito quando as pessoas elogiam sua integridade, por tratar as pessoas bem, respeita-las, ser ético. Enfim, ser lembrado como alguém que chegou onde queria (longe) e continuou respeitando as pessoas.

Lançamento do Jornal e Exposição fotográfica

Dia 24 de novembro será um dia muito importante para o projeto *Literatura e Afrodescendência: o que há por trás disso?* Neste dia será lançado o jornal *Afrocultura* e também haverá a exposição *Fui à feira e achei arte com fotos tiradas pelos próprios alunos*, numa visita feita a Rua Quebra-Quilos no centro de Campina Grande.

CENA 3

Maçon "chamam ladroeira aos quilos, metros e litros"



CENA 3

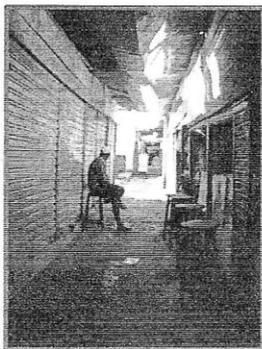
Maçon "amanhã é dia de feira nesse termo de Campina"



Prologo Aferidor: "Senhor, pode dizer-me onde estamos?"

Diógenes: Longe das pessoas de bem eu presumo.

Do contrario não faria essa pergunta a um sujeito no meu estado"



Fala aí...

"Apesar de ser bastante novo, o curso trouxe um baú cheio de novidades, que despertou em nós uma pessoa nova, mais por dentro das questões de afrodescendência" Aluna do curso Daisy Barros

"O modulo que eu mais gostei foi o de entrevista, porque ficamos mais comunicativos e aprendemos a interagir mais com as pessoas" Aluna do cursô Deisy Barros

"O curso de literatura e afrodescendência trouxe para nós alunos do Assis Chateaubriand um enorme conhecimento com relação às questões raciais no Brasil" Aluna do curso Viviane Ferreira

"Os alunos melhoraram sua condição e entendimento do mundo ao seu redor, desconstruindo preconceito, e tiveram acesso a leitura." Prof. Supervisora Wilma Luna

"O curso trouxe pra escola um conhecimento sobre a lei 10.639/03 e um incentivo a discussão sobre racismo, preconceito, valorização da cultura, contribuiu de forma social e moral na educação dos nossos alunos" Diretora do colégio Assis Chateaubriand, Fátima Andrade

Turma do projeto Literatura e afrodescendência: o que há por trás disso?



CONTATOS:

Blog:

<http://literataraefrodescendencia.blogspot.com/>

Facebook:

<http://facebook.com/literaafro>

Twitter:

@literaafro

Orkut:

Projeto Literatura Afrobrasileira

A GENTE QUE FEZ:

Propagandas:

Genilson Rodrigues e Fagner Vitor

Negreiros:

Alcineide Dias e Daisy Barros

Fotos e frases / A gente que fez:

Larissa Guedes e Deisy Barros

Fala aí...:

Viviane Ferreira e Jaqueline Silva

Apoio:

Mateus , Ednalva, Joseilma